

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**POLÍTICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: O
REFLEXO DO PODER DO GOVERNO NO
CARNAVAL CARIOCA**

PEDRO LEONARDO GOMES DE CARVALHO

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**POLÍTICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: O
REFLEXO DO PODER DO GOVERNO NO
CARNAVAL CARIOCA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

PEDRO LEONARDO GOMES DE CARVALHO

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

RIO DE JANEIRO
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

CARVALHO, Pedro Leonardo Gomes de.

Política e os meios de comunicação: o reflexo do poder do governo no carnaval carioca Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Eduardo Granja Coutinho

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Política e os meios de comunicação: os reflexos do poder do governo no carnaval carioca**, elaborada por Pedro Leonardo Gomes de Carvalho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Micael Herschmann
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Gerheim
Doutor em Literatura Comparada - UERJ

RIO DE JANEIRO

2013

DEDICATÓRIA

À minha mãe Hilda da Silva Gomes por todo amor, carinho e educação a mim dispensado.

Ao meu pai Antônio Pedro de Carvalho Neto por fazer despertar em mim a paixão pelos sambas de enredo e pelo carnaval.

Ao Mário Luiz de Souza por ter sido meu segundo pai e professor durante este vinte anos de convivência.

Dedico também aos meus irmãos Mariah e Gabriel Gomes de Souza por me incentivarem a ser um exemplo fraterno dentro de minha casa.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Eduardo Granja Coutinho por ter aceitado ser meu orientador e me ajudado a definir um norte para o meu trabalho.

À Júlia Kastrup pelo companheirismo e pela paciência e boa vontade em revisar e criticar o meu trabalho.

Aos amigos Gustavo, Tiago, Luciano, Igor, Eduardo, Daniel, Thiago, Bernardo, Lucas, Inácio, Ian, Leonardo, André e Fabien por fazerem da ECO um lar para mim.

À Sarah David por me mostrar um mundo diferente.

À Ana Paula Monte pela parceria e companheirismo durante boa parte do meu ensino acadêmico.

Ao companheiro de trabalho e amigo Tadeu Sartório pela compreensão e ajuda durante a monografia.

À Adriane Alves, minha pequena grande amiga e eterna confidente.

Aos amigos de infância Carlos, Tauan, Daniel, Marco e Octavio que sempre estiverem presentes nas horas boas e ruins.

À Nilda, que como toda avó, foi uma segunda mãe.

Ao Antônio por me levar às escolas de samba desde criança.

À Hilda e ao Mário por insistirem em mim e por vezes acreditarem no meu sonho até mais do que eu.

“Mas a quaresma lá no morro é colorida
Com fantasias já usadas na avenida
Que são cortinas, que são bandeiras
Razões pra vida tão real da quarta feira”

Martinho da Vila

CARVALHO, Pedro Leonardo Gomes de. **Política e os meios de comunicação: o reflexo do poder do governo no carnaval carioca.** Orientador: Eduardo Granja Coutinho. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a relação de poder do governo sobre a mídia em determinados pontos da história do Brasil, e como esta dominação acaba refletindo na população. Quando este domínio acontece, a informação não chega de forma correta para o povo. Nesta monografia, casos deste gênero serão mostrados, bem como a recepção da população em cada caso. Por isso, a maior festa popular do país, o carnaval, foi escolhida para servir de exemplo. Serão abordados os diferentes temas escolhidos como enredos das escolas durante a Era Vargas, o pós-Segunda Guerra Mundial e após a Ditadura Militar. Vão ser expostas as claras diferenças nas letras quando a mídia está submetida ao governo e quando a mesma está livre para fazer a sua principal atribuição, que é levar informação para a população. Com os meios de comunicação noticiando de forma correta, o sambas de enredo podem servir também de instrumento de conscientização do povo para o povo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A ERA VARGAS: ESTADO NOVO, DIP E OS SAMBAS DE EXALTAÇÃO A PÁTRIA	13
2.1. OS PRIMEIROS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA	17
3. O PÓS-SEGUNDA GUERRA, A DISPUTA ENTRE CAPITALISMO E COMUNISMO CHEGA AO CARNAVAL CARIOCA.	20
4. DA ABERTURA POLÍTICA AOS ANOS 2000: DO PROTESTO AOS SAMBAS PATROCINADOS.	28
5. CONCLUSÃO	50
6. BIBLIOGRAFIA	53
7. ANEXOS	54

1. INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que pretende expor a relação entre política, os meios de comunicação e o carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Mostrar como os governos podem deter o controle das informações, decidir o que pode ou não ser noticiado pelos jornais, revistas e emissoras de TV, e como isso pode afetar até mesmo a maior festa popular do país, que é o carnaval.

A análise começa na década de 1930, quando Getúlio Dornelles Vargas assumiu a presidência do país. Será abordada a evolução política de Vargas, desde a Revolução de 1930 até a implementação do Estado Novo, de que forma o presidente e o seu governo se relacionavam com os meios de comunicação e a implementação, durante o período do Estado Novo, do Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão governista criado para promover politicamente Getúlio. Mais do que isso, o DIP seria o responsável por censurar os meios de comunicação e elevar a figura do chefe de estado junto à população.

As primeiras escolas de samba do carnaval carioca foram fundadas nos anos 1920. O carnaval já era uma festa de apelo, mas os blocos e ranchos carnavalescos é que comandavam os festejos. Em 1923 surgiu a Vai Como Pode, que em meados dos anos 1930 se transformou na Portela. Já em 1928 foi fundada a Estação Primeira de Mangueira e em 1931 foi criada a Unidos da Tijuca.

Os primeiros desfiles das escolas de samba serão ainda abordados no segundo capítulo, bem como sua organização, evolução e criação da União das Escolas de Samba, órgão criado pelas próprias escolas de samba a fim de regulamentar a competição entre as agremiações. Disputa essa que foi inventada no ano de 1932 pelo jornalista Mário Filho. Dentre algumas regras criadas pela UES estava a de que as escolas de samba deveriam ter enredos sobre motivos nacionais, que exaltassem os heróis brasileiros. Algo que foi erroneamente atribuído ao DIP, mas que foi incorporado e nunca desmentido pelo departamento do governo. É verdade, porém, que o Departamento de Imprensa e Propaganda foi responsável por promover dois desfiles das escolas de samba no estádio de São Januário, lugar onde Getúlio Vargas costumava fazer seus discursos no dia 1º de maio, Dia do Trabalhador. Estes comícios contribuíram bastante para o aumento de popularidade do presidente.

O terceiro capítulo trata do momento político brasileiro no pós-Segunda Guerra Mundial. Getúlio comandava o país através de uma ditadura. Com a queda de ditadores

como Adolf Hitler e Benito Mussolini, não havia mais uma maneira de se manter no poder de forma ditatorial, principalmente porque o Brasil havia lutado na guerra ao lado dos Estados Unidos, contra Alemanha e Itália. Mesmo estando do mesmo lado, Estados Unidos e União Soviética logo entram em divergência, os norte-americanos por serem capitalistas, enquanto os soviéticos seguem a ideologia comunista. É neste contexto mundial que o general Eurico Gaspar Dutra assume a presidência do Brasil em 1945. Alinhado com os interesses estadunidenses, Dutra coloca o Partido Comunista Brasileiro na ilegalidade e inicia uma repressão aos simpatizantes e defensores dos ideais comunistas. Inclusive um jornal é criado para propagar as ideias governistas e diminuir as opiniões contrárias. Assim como no governo Vargas, Eurico Gaspar Dutra se vale de um meio de comunicação para fortalecer o sistema e exercer influência sobre a população.

Durante este período houve uma grande briga no carnaval carioca, que também vai ser tratada no terceiro capítulo. Os dirigentes da União Geral das Escolas de Samba se aproximaram mais do PCB e do jornal *Tribuna Popular*, de tendências comunistas, algo que desagradou os governantes. A prefeitura do Distrito Federal, que até então era o Rio de Janeiro, criou uma segunda organização de escolas de samba para enfraquecer a UGES e conseqüentemente atacar o Partido Comunista.

No quarto capítulo será tratado o pós-Ditadura Militar. Durante o regime dos militares, a censura foi forte. Os jornais tinham que passar pela mão dos censores antes de serem rodados e publicados. Apesar disto, não houve nenhuma exigência por parte do governo em relação aos enredos das escolas de samba. Mas ninguém se atreveu a escrever sambas de enredo que criticassem o governo ou que promovessem o pensamento político da população. Os militares tinham o controle dos meios de comunicação e quem fosse contra corria o sério risco de ter a redação fechada, de ver sua revista parar de circular ou ter o programa impedido de ser exibido. Por conta disso será analisado o período logo após a saída dos militares do poder.

Já não existia mais a censura prévia aos meios de comunicação e cada veículo poderia voltar a noticiar da maneira que achasse melhor, não expondo apenas um ponto de vista sobre determinada situação. Por ser uma festa do povo, o carnaval acaba refletindo esta situação que ocorre com os meios de comunicação. Durante o final dos anos 1980 diversas escolas de samba vão apresentar enredos críticos, não só questionando melhorias para um Brasil futuro como condenando medidas tomadas durante a Ditadura Militar. Como exemplo, a Caprichosos de Pilares no carnaval de

1985 pede, em sua letra de samba de enredo, a volta das eleições diretas para presidente da República.

Ainda no quarto capítulo outros sambas que promovem o pensamento crítico serão analisados. Obras que falam de reforma agrária, que promovem o uso da camisinha e do respeito às leis de trânsito. Enredos estes motivados pela cobertura da mídia em relação aos temas. Mesmo palco da diversão, o carnaval também pode ser um local de conscientização da população.

Mas os enredos não são reflexos apenas dos assuntos tratados pela mídia. O Brasil durante os anos 1990 e 2000 adotou uma política neoliberal, com a grande presença de investidores externos nos mais diversos setores do país. E a melhor maneira de fazer a sua marca e seus investimentos fluírem é atingindo a população. Esta política de investimentos também chega ao carnaval e é cada vez mais constante a presença de enredos patrocinados nos desfiles das escolas de samba. Desde homenagens a cidades, passando por enredos sobre agricultura, grandes empresas e até mesmo sobre iogurte e o cavalo mangalarga marchador.

Este trabalho segue esta linha, de como o governo se porta mediante os meios de comunicação, e conseqüentemente como estes veículos fazem a informação chegar à população. Por ser a maior festa, o maior espetáculo popular do país, o carnaval carioca não poderia passar incólume às influências e relações exercidas pelo governo sobre a mídia.

Neste trabalho, pretende-se expor o poder dos meios de comunicação para atingir a população, fazendo com que o povo possa ter pensamento crítico. Todo este potencial se esgota se a mídia serve exclusivamente ao governo. Desta forma, os meios de comunicação ficam esvaziados, não servem ao seu propósito principal. A partir do momento em que o pensamento crítico pode ser exercido, os protestos e pensamentos da população também serão refletidos no carnaval. Os sambas de enredo e o carnaval carioca também podem ser um espaço de conscientização.

2. A ERA VARGAS: ESTADO NOVO, DIP E OS SAMBAS DE EXALTAÇÃO A PÁTRIA

O ano de 1930 é histórico no cenário político brasileiro. O país ainda vivia a chamada República do Café com Leite, quando paulistas e mineiros se alternavam na presidência. Porém, no ano de 1929, anterior a sucessão presidencial, a aliança entre os estados de São Paulo e Minas Gerais foi desfeita. Isso tudo porque o então presidente Washington Luís insistiu na candidatura de um paulista para assumir o seu lugar, Julio Prestes, governador do estado.

Por conta desta tomada de posição, Minas Gerais e Rio Grande do Sul se uniram e lançaram a candidatura de Getúlio Vargas à presidência com o paraibano João Pessoa como seu vice, isso tudo em torno da Aliança Liberal, nome dado à campanha. A Aliança queria agradar à classe média, incentivando a produção nacional geral e não apenas a do café. Propunha algumas medidas de proteção aos trabalhadores e pedia a reforma política, para assegurar a idoneidade das eleições. Apesar de uma boa campanha, carreatas sendo feitas em prol da candidatura no Nordeste, Getúlio sendo bem recebido nos comícios no Rio de Janeiro e em São Paulo, o candidato governista Julio Prestes foi eleito presidente no dia 1º de março de 1930.

Porém, o resultado foi contestado pela Aliança Liberal, que afirmou que o governo havia fraudado as eleições produzindo votos até em cidades nas quais Julio Prestes havia sido menos votado do que Getúlio Vargas. A onda de insatisfação aumentou quando João Pessoa foi assassinado em 26 de julho de 1930 por João Dantas, seu adversário político. Apesar de o crime ter sido cometido por motivos pessoais, o fato de serem rivais políticos foi a fagulha necessária para o início de uma revolução. As ações começaram em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul e rapidamente tiveram a adesão do estado de Pernambuco. Com sucessivas vitórias, o cerco se fechou e as forças revolucionárias já se preparavam para invadir São Paulo, mas, antes que a batalha pudesse acontecer, os generais do Exército Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o almirante da Marinha Isaías Noronha depuseram o presidente no Rio de Janeiro e formaram uma junta provisória de governo. Por conta das fortes manifestações populares, a junta permaneceu no poder por apenas alguns dias, com Getúlio Vargas tomando posse como presidente do Brasil no dia 3 de novembro de 1930. (FAUSTO, 2009)

Em seu primeiro governo, Getúlio deu provas de que iria centralizar o poder, diminuindo a autonomia estadual. Ainda em novembro de 1930, o político dissolveu o Congresso Nacional e os legislativos estaduais e municipais e assumiu os Poderes Executivo e Legislativo. Todos os governadores foram demitidos e no lugar destes foram nomeados interventores federais subordinados ao poder central. Em 1931 limitou a ação dos estados, que só poderiam contrair empréstimos com a aprovação federal e não poderiam armar suas polícias em proporção superior ao Exército.

No campo econômico também houve centralização. O governo assumiu a política do café para si, tirando os poderes de Minas Gerais e São Paulo, grandes produtores do produto. Foi criado o Conselho Nacional do Café (CNC) para regulamentar as questões acerca da produção e comércio do café. Este órgão ainda tinha muita influência direta dos interesses cafeeiros, pois seus delegados eram provenientes dos estados produtores. Por conta disso, em fevereiro de 1933, o órgão foi extinto e deu lugar ao Departamento Nacional do Café (DNC), consolidando a federalização da política cafeeira. Os estados produtores não exerciam mais influência nas escolhas, pois os diretores do DNC eram nomeados diretamente pelo Ministro da Fazenda.

Vargas começou a fortalecer o seu poder com sua política trabalhista. Criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que propôs leis de proteção ao trabalhador, sindicatos submetidos ao estado, criação de órgãos para resolução de conflitos entre patrões e operários. Entre as leis de proteção ao trabalhador estavam as de regulamentação do trabalho da mulher e do menor, concessão de férias e o limite de oito horas da jornada normal de trabalho. Mesmo governando para uma burguesia brasileira cada vez mais participativa, o presidente começou a se consolidar entre a população, oferecendo aos trabalhadores diversas melhorias nas condições de exercerem suas profissões ao longo de seu mandato como presidente.

Ainda comandando o país através de um governo provisório, Getúlio decidiu constitucionalizar o Brasil, convocando eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em maio de 1933. Após meses de discussões, a Constituinte promulgou a Constituição em 14 de julho de 1934. No dia seguinte, através de voto indireto da Assembleia Nacional, Getúlio Vargas foi eleito presidente da República, com mandato até o ano de 1938. Após esta data, as eleições presidenciais seriam feitas de forma direta.

Mas o que parecia ser uma caminhada rumo à democratização não se consolidou desta maneira. Em 1935 surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), um movimento

popular que reivindicava, dentre outras coisas, a constituição de um governo popular. A organização seguia orientações comunistas, o que gerou medidas repressivas por parte do governo. Após uma tentativa fracassada de golpe comunista, o governo conseguiu que o estado de sítio fosse decretado por sessenta dias, conseguindo prorrogar tal situação até o mês de junho de 1937. Isto significou uma grande caça aos comunistas. Em 1936, parlamentares foram presos por terem apoiado a ANL, e foi criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, cujo objetivo era investigar a participação de pessoas em atos ou crimes contra as instituições políticas e sociais.

O governo queria se manter no poder a todo custo, mas faltava um real motivo que justificasse um golpe. E este motivo veio em setembro de 1937: já com a campanha pela sucessão presidencial de 1938 em curso, Olimpio Mourão Filho, um oficial integralista, foi flagrado com um plano de insurreição comunista, chamado Plano Cohen, que pretendia provocar massacres, depredações, saques, incêndio de igreja, provocando o caos e a desordem. A divulgação do plano gerou uma nova aprovação de estado de guerra e a suspensão de garantias constitucionais por noventa dias. Governadores apoiaram Getúlio e o golpe, concordando que não havia condições necessárias para a realização de eleições. Em 10 de novembro de 1937, a polícia militar cercou o Congresso e impediu a entrada dos congressistas e Getúlio Vargas anunciou uma nova fase política e uma nova carta constitucional, com o Estado Novo entrando em vigor. (FAUSTO, 2009)

O Estado Novo durou de 1937 a 1945, com Getúlio Vargas se firmando como um ditador. Durante este período o presidente centralizou as forças, tinha o poder de confirmar ou não os mandatos dos governadores eleitos, podendo nomear interventores de sua escolha no caso da não confirmação, colocou o país em estado de emergência, suspendendo as liberdades civis garantidas pela Constituição e poderia expedir decretos-lei sobre qualquer assunto relativo às responsabilidades do governo federal. Foi a maior concentração de poderes nas mãos do estado desde que o Brasil havia se tornado independente. Apesar de ditador, Getúlio manteve um governo nacionalista, voltado para os interesses do país, isso tudo aliado à figura de “pai dos pobres”, preocupado com os direitos dos trabalhadores brasileiros fez com que o político voltasse à presidência com o respaldo do povo nas eleições de 1950.

Além das melhorias trabalhistas, Getúlio Vargas usou de outro recurso para poder atingir e, por que não, controlar o povo, os meios de comunicação. Desde 1930, vários órgãos foram responsáveis pela propaganda política do governo, porém, o que

mais obteve êxito nesta tarefa foi o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939 para promover o “getulismo”. O departamento foi extinto em 1945, com o fim do Estado Novo, sendo impossível dissociar a história do órgão da Era Vargas. O DIP substituiu o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), que funcionou de 1934 a 1937, e o Departamento Nacional de Propaganda (DNP), ativo entre os anos de 1937 e 1939.

O DIP era subordinado diretamente ao presidente, e não só responsável pela propaganda governista como pela censura dos meios de comunicação contrários a Getúlio. Promoveu filmes, peças de teatro, programas de rádio, jornais e proibiu publicações que pudessem prejudicar o programa de governo. O departamento também realizou e patrocinou manifestações cívicas e festas populares que tinham o patriotismo como tema. Foram tradicionais durante o Estado Novo as comemorações do Dia do Trabalhador que costumavam acontecer no Estádio de São Januário. Vargas aproveitava a data para revelar alguma melhoria para os trabalhadores, fortalecendo seu papel de líder do povo.

O órgão do governo tinha cinco divisões¹. A divisão de divulgação tinha como objetivo propagar as diretrizes do regime e combater qualquer ideia contrária ao mesmo. A divisão de rádio deveria fazer a censura prévia dos programas radiofônicos e letras de músicas além de organizar o programa *Hora do Brasil*². Este programa executava obras de autores brasileiros previamente analisados pelo DIP e passava dicas culturais, exaltando as regiões do país e descrevendo pontos turísticos a serem conhecidos e visitados. Por fim, informava detalhadamente os atos do presidente e as realizações do governo. Muitos destes informes eram publicados posteriormente no jornal *A Manhã*, também um instrumento de comunicação do Estado.

Ainda existiam as divisões de teatro e cinema, que, além de censurar previamente e autorizar ou interditar os filmes e peças de teatro em todo país, deveriam publicar no *Diário Oficial* o julgamento, características e relação dos filmes e obras teatrais censurados. Fora isso, incentivava e promovia as empresas e distribuidoras nacionais. A quinta e última divisão era a de imprensa que tinha como missão nada mais nada menos do que censurar a imprensa.

¹ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>

² Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil>

O responsável pelo departamento era Lourival Fontes, jornalista sergipano. Partidário da Aliança Liberal, Lourival já acompanhava Getúlio desde 1930, quando apoiou a candidatura do político à presidência e conseqüentemente o movimento que levou Vargas ao governo. Como jornalista, trabalhou em jornais de Sergipe e Bahia além de fundar duas revistas no Rio de Janeiro, sendo uma delas de tendência fascista. Antes de chefiar o DIP, trabalhou no gabinete da prefeitura da cidade do Rio. Lourival Fontes já havia dirigido o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e o Departamento Nacional de Propaganda antes de assumir o DIP. Ficou responsável pela propaganda governamental de 1934 até 1942. O jornalista foi o grande censor do Estado Novo. Lourival voltaria a ter papel importante no segundo governo Vargas, entre 1950 e 1954, quando participou ativamente da campanha que elegeu o presidente e foi nomeado chefe do Gabinete Civil da Presidência da República.

O Departamento de Imprensa e Propaganda soube muito bem ministrar suas atividades, combinou a censura com a contratação de artistas conhecidos para executarem os mais diversos trabalhos, sempre com a imagem de Getúlio como pano de fundo. Entre os artistas e personalidades contratados estavam Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Cândido Portinari.

Instrumento de controle dos meios de comunicação e promoção dos feitos do governo, o DIP queria manter o povo sob controle, queria transformar o presidente no ídolo da população. E o carnaval, festa de maior apelo popular do país, também foi usado pelo órgão para enaltecer a imagem da pátria e de Getúlio.

2.1. OS PRIMEIROS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA

O primeiro desfile de escolas de samba é datado de 1932, já durante o governo Vargas, e teve a Estação Primeira de Mangueira como vencedora, seguida por Vai Como Pode e Para o Ano Sai Melhor empatadas em segundo e a Unidos da Tijuca em terceiro. Àquela época, as escolas de samba ainda estavam buscando se fortalecer, ainda não eram a principal força do carnaval carioca, sendo um degrau acima dos blocos e um abaixo dos ranchos carnavalescos.

A primeira disputa entre agremiações surgiu por iniciativa de um jornalista. Mário Filho, o mesmo que dá nome ao Estádio do Maracanã, que promoveu o concurso através do jornal *Mundo Sportivo*. A publicação tinha duas atividades, os campeonatos de futebol e algumas competições de remo, quando estas competições terminavam, o jornal ficava por vezes até quatro meses sem ter do que falar. Foi então que Mário Filho

pediu uma série de entrevistas a um repórter que era próximo dos principais compositores de samba da época. Este repórter conhecia não só os compositores de samba como Sinhô e Noel Rosa como também os autores das escolas de samba como Masciste, Gradim e Cartola. Numa súbita inspiração, Mário Filho sugeriu que, em vez de entrevistas, fosse promovida uma disputa entre as escolas de samba. O jornalista não só criou os desfiles como também exigiu que houvesse um regulamento com pontos a serem dados para cada quesito. (CABRAL, 2011)

Com os desfiles adquirindo maiores proporções, fez-se necessário a criação de um órgão que regulamentasse as disputas. Ideia embrionária em janeiro de 1933, a União das Escolas de Samba foi oficialmente fundada em 6 de setembro de 1934 com a participação de 28 agremiações associadas. A UES ficou responsável por organizar o carnaval carioca, negociar junto a prefeitura aporte financeiro para as escolas de samba e criar as regras do espetáculo. Ainda faltavam três anos para que acontecesse a implementação do Estado Novo, mas logo na sua criação a UES estabeleceu uma norma que seria prontamente incorporada pelo DIP três anos mais tarde, a de que as escolas de samba deveriam apresentar enredos que falassem do Brasil. O Departamento de Imprensa e Propaganda acabou se apropriando desta regra criada pela UES. (CABRAL, 2011)

Maior campeã do carnaval carioca com 21 títulos conquistados³, a Portela foi soberana durante a década de 1940, com sete conquistas consecutivas entre os anos de 1941 e 1947. Vale destacar os campeonatos de 1943, 1944 e 1945, quando a escola desfilou com os enredos “Carnaval de Guerra”, “Brasil Glorioso” e “Motivos Patrióticos” respectivamente, seguindo a linha do governo e seu órgão de comunicação, ou seja, adotando o nacionalismo em seus desfiles.

Em 1943, oficialmente participando da Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, o clima no país não estava propício para festejos do carnaval. Porém, por conta de uma convocação um tanto quanto inusitada, 13 escolas de samba realizaram os seus desfiles no dia 24 de fevereiro no Estádio de São Januário, local de jogos do clube Vasco da Gama. Os ranchos e blocos carnavalescos já haviam decidido cancelar suas apresentações enquanto a prefeitura do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, havia suspenso a realização do tradicional baile de máscaras do Teatro Municipal. Porém, por conta do pedido de Darci Vargas, primeira-dama da República, as escolas de samba

³ Ver todas as campeãs do carnaval do Rio de Janeiro em Anexo 1

se colocaram a disposição para a realização do carnaval. A escolha de São Januário, mesmo lugar no qual Getúlio Vargas fazia seus discursos no feriado do Dia dos Trabalhadores, não poderia ser melhor. Mesmo em tempos de guerra, a imagem do líder governista junto ao povo deveria se manter intocada.

Em mais uma vitória, a Portela com o enredo “Carnaval de Guerra” cantou assim:

Democracia
Palavra que nos traz felicidade
Pois lutaremos
Para honrar nossa liberdade
Brasil! Oh! meu Brasil!
Unidas nações aliadas
Para o front eu vou de coração
Abaixo o Eixo
Eles amolecem o queixo
A vitória está em nossa mão

Mesmo com uma ligeira crítica ao Estado Novo e a falta de democracia vigente, o apoio à decisão do governo de entrar na Segunda Guerra contra o Eixo era irrestrito. Em 1944, mais uma vitória da Portela com mais um samba de exaltação a pátria, “Brasil Glorioso”. Assim como no ano de 1945, ano que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial, quando a Portela foi campeã com o enredo “Motivos Patrióticos”. Neste carnaval, os desfiles novamente foram realizados no estádio de São Januário.

Pouco depois do fim da guerra, foi anunciado o “Carnaval da Vitória” para o ano de 1946. A União Geral das Escolas de Samba decidiu que todas as escolas de samba deveriam ter enredos que representassem a vitória dos Aliados sobre os nazifascistas, dando grande importância à participação do Brasil nos combates⁴. (CABRAL, 2011) O forte nacionalismo propagado pelo DIP durante todo o período do Estado Novo aliado ao sentimento de vitória na Segunda Guerra viria a ser refletido nas ruas, na maior festa popular do país.

⁴ Ver enredos adotados pelas escolas de samba no carnaval de 1946 em Anexo 2

3. O PÓS-SEGUNDA GUERRA, A DISPUTA ENTRE CAPITALISMO E COMUNISMO CHEGA AO CARNAVAL CARIOCA.

A saída de Getúlio Vargas da presidência do país era algo iminente. O Brasil havia mandado soldados para lutar na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados contra o Eixo, a vitória do “bem contra o mal” significava que um Estado que apoiava os Estados Unidos e a Inglaterra não poderia se manter governado por uma ditadura. Os conflitos mundiais se encerraram oficialmente em 2 de setembro de 1945, quando as forças militares japonesas se renderam. Pouco mais de um mês depois, em 29 de outubro de 1945, Getúlio Vargas foi deposto e conduzido ao exílio em sua cidade natal, São Borja, no Rio Grande do Sul.

Os Estados Unidos saíram como os grandes vencedores da Segunda Guerra, não só politicamente como também economicamente. Enquanto a Europa saiu arrasada por conta dos conflitos e da destruição, os norte-americanos pouco ou nada sofreram dentro de seu território. Com seu forte poderio militar e econômico, foram responsáveis por vultosos empréstimos que ajudaram na reconstrução europeia. Apesar de problemas internos que o país vivia, como a segregação racial e o voto dos negros americanos, os Estados Unidos já viviam em um sistema democrata, a população é quem escolhia o presidente. Franklin Delano Roosevelt comandava a nação desde 1932, quase a mesma quantidade de tempo que Getúlio, mas sempre reeleito através do voto, com vitórias incontestáveis nas urnas. De força militar conhecida, ninguém iria querer ser a próxima vítima da bomba atômica. Estabilizados economicamente e vivendo em uma democracia, os estadunidenses mandavam um recado ao mundo de que toda ditadura seria combatida.

Os reflexos da vitória na guerra também ecoaram no Brasil. Vargas estava no comando havia quinze anos, e lutar ao lado de países democratas contra governos ditatoriais acabou tendo um peso significativo para o fim do Estado Novo. O país precisava estar ao lado dos vencedores, acordos econômicos estavam sendo traçados e ter um ditador no poder não ajudava em nada. Apesar de Getúlio ter sido deposto através de um golpe militar, eleições populares conduziram o general Eurico Gaspar Dutra a presidência em 2 de dezembro de 1945. A disputa presidencial é um marco na história do país. Mesmo tendo sido a décima segunda eleição direta do Brasil, foi a primeira a não ter seu resultado contestado por acusações de fraude e a primeira a ter

mulheres votando. Os partidos políticos foram legalizados, e lideranças que estavam atuando na ilegalidade ou líderes que se encontravam detidos como Luis Carlos Prestes puderam voltar a ter voz ativa.

Mas a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial trouxe bem mais do que a queda de Getúlio Vargas no Brasil. O triunfo de Estados Unidos e Inglaterra foi o êxito do liberalismo político e do capitalismo. Porém, junto aos Aliados também estava a União Soviética, de ideais comunistas. O mundo passou a se dividir em dois: os que apoiavam ingleses, americanos e o capitalismo e os que estavam do lado de soviéticos e do comunismo. Se um conflito mundial havia acabado, a Guerra Fria havia apenas começado.

A Guerra Fria foi o período datado de 1945, após o fim a Segunda Guerra, até 1991, culminando com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética. Durante este tempo, Estados Unidos e União Soviética travaram um conflito político e ideológico, sem nunca chegar ao ponto de um confronto armado. Enquanto os norte-americanos tinham a Europa Central e as Américas Central e do Sul sob influência cultural, ideológica e econômica, os soviéticos lideravam o bloco que continha o Leste Asiático, Ásia Central e Leste Europeu. O medo de que o mundo pudesse ser destruído com um simples apertar de botão e o lançamento de bombas de destruição em massa de ambas as partes contribuiu para que o conflito permanecesse apenas nos bastidores, com diversas acusações de espionagens e planos que fortalecessem os seus blocos, como por exemplo, a corrida espacial. Além disso, a cada melhoria política ou econômica buscada por uma potência, a outra tentava responder a altura, exemplos do Plano Marshall e COMECON, OTAN e Pacto de Varsóvia.

Mesmo sem entrar diretamente em combate, vários conflitos aconteceram durante os anos por conta da Guerra Fria, sempre conflitos entre o capitalismo e o comunismo: a Guerra da Coreia (1950-1953), a Revolução Húngara (1956), Guerra de Suez (1956), Crise dos Mísseis em Cuba (1962) e a Guerra do Vietnã (1964-1975).

Como não poderia deixar de ser, os Estados Unidos fizeram de tudo para exercer sua influência em terras brasileiras. Como estava no poder, Eurico Gaspar Dutra foi o responsável pela aproximação com os ideais americanos.

O político era de origem conservadora, general do Exército, e, mesmo tendo sido eleito de forma democrática, foi Ministro da Guerra do Brasil durante todo o período do Estado Novo. Associado ao respeito à legalidade, Dutra costumava seguir a Constituição quando tinha dúvidas sobre decisões. Mas só no que dizia respeito aos

conservadores. Quando se tratava dos comunistas e trabalhadores organizados, o legalismo por muitas vezes era esquecido. Em março de 1946, o presidente baixou o Decreto-lei 9070, que regulamentava o direito de greve. A definição de quais atividades onde as paralisações não seriam permitidas abrangia quase todos os ramos. (FAUSTO, 2009)

O governo Dutra se caracterizou pela dura repressão ao Partido Comunista. Alinhado com a política externa norte-americana, o crescimento dos ideais comunistas dentro do país não era visto com bons olhos. O PCB teve ótimos números nas eleições de 1946, elegendo dezessete deputados, um senador, maioria na Câmara de Vereadores do Distrito Federal e, nas eleições estaduais de 1947 superou a tradicional União Democrática Nacional (UDN) em São Paulo.

No âmbito internacional, o clima entre Estados Unidos e União Soviética já não era mais tão amistoso, e a aversão pelos ideais de Stálin, líder soviético, fez com que os americanos apertassem o cerco também entre seus aliados. Através de um modelo comercial liberal, os EUA entravam no comércio de países como o Brasil fortalecendo o capitalismo e deixando o comunismo cada vez mais às escuras. Durante a Guerra Fria, foi bastante propagado que os países de ideologia comunista eram monstros, e faziam barbaridades contra as pessoas, destruindo famílias e contribuindo contra a moral e os bons costumes.

Com um governo conservador, o Brasil tratou de seguir pelo mesmo caminho americano. Mesmo com o sucesso nas eleições de 1946 e 1947, o PCB vinha sendo vítima de constantes ataques. Através de uma manobra um tanto quanto obscura, o Supremo Tribunal Federal decidiu, em maio de 1947, cassar o registro do partido após denúncias de dois deputados do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). De acordo com a decisão do Supremo, o Partido Comunista tinha um programa que contrariava o regime democrático e a garantia dos direitos fundamentais do homem. No mesmo dia do fechamento do PCB, o Ministério do Trabalho interveio em catorze sindicatos e fechou uma sindical controlada pelos comunistas. As diversas ações repressivas que aconteceram nos meses seguintes culminaram com as medidas que levaram o partido à clandestinidade em janeiro de 1948. Menos de três anos após voltarem à legalidade com o fim do Estado Novo, os comunistas mais uma vez não tinham o direito de se organizar no Brasil. (FAUSTO, 2009)

Como há de se perceber, o conflito não é só político. É também econômico e acima de tudo ideológico. Os respingos caem por todos os lados. Até mesmo no carnaval carioca.

A União das Escolas de Samba foi fundada em 6 de setembro de 1934, com a adesão de 28 escolas de samba. A UES teve como seu primeiro presidente Flavio de Paula Costa e Saturnino Gonçalves como vice-presidente. Participaram da diretoria Getúlio “Amor”, Jorge de Oliveira, Reinaldo Barbosa, Pedro Barcelos, Paulo da Portela e José Belisário. A criação da entidade era sonhada desde 15 de janeiro de 1933. Cabia a UES organizar os desfiles e ser o órgão que iria negociar diretamente com as autoridades federais e municipais as melhores condições para os festejos carnavalescos. Foi a União das Escolas de Samba quem determinou a proibição dos instrumentos de sopro e a obrigação de desfilar com baianas. (CABRAL, 2011)

Entre erros e acertos, brigas e concordâncias, a União Geral das Escolas de Samba, a entidade mudou de nome em 1939, conseguiu se consolidar e organizar o carnaval de forma correta até o ano de 1945, data do final da Segunda Guerra, fim do Estado Novo e saída de Getúlio Vargas do poder.

Mas, mesmo com o incentivo governista aos samba na década de 1940, o Partido Comunista e a UGES começaram a se aproximar no carnaval de 1946. A campanha eleitoral do PCB contou com o apoio de vários setores da sociedade carioca. Servan Heitor de Carvalho, então presidente da UGES, e José Calazans, vice-presidente da entidade, não faziam a menor questão de esconder suas preferências políticas e ideológicas. A conexão entre política e samba já estava feita. Faltava um meio de comunicação para ratificar esta união.

O jornal *Tribuna Popular* foi fundado em 1945 no Rio de Janeiro por militantes e intelectuais ligados ao PCB. A sua primeira edição circulou em 22 de maio de 1945, uma semana depois de Luis Carlos Prestes ter sido liberado da prisão, e a última em 28 de dezembro de 1947, quando o partido voltou a ter sua atuação proibida⁵. O periódico, como o nome já dizia, era de cunho popular, totalmente alinhado com o PCB e lutava pela democratização do país e pela elaboração de uma Constituição que privilegiasse as questões sociais e as necessidades dos trabalhadores. Também tinha como objetivo elevar o nome de Luis Carlos Prestes, principal líder comunista do Brasil, que havia

⁵ Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/tribuna-popular>

passado quase todo o período do Estado Novo preso e que a *Tribuna Popular* projetava com a grande referência da política nacional.

Coube ao jornalista Vespasiano Lírio da Luz, secretário político do Comitê do Centro do PCB, membro da Comissão Metropolitana da Imprensa Popular e candidato a vereador pelo partido, a missão de aproximar a *Tribuna Popular* da UGES. Vespasiano promoveu um carnaval fora de época no ano de 1946. O jornalista organizou um desfile das escolas de samba no Campo de São Cristóvão, em 15 de novembro daquele ano com um único objetivo, homenagear Luis Carlos Prestes. (CABRAL, 2011)

Dentre os sambas apresentados na ocasião, há de se destacar três. Composto por Éden Silva, o Caxiné, a Unidos do Humaitá cantou:

Um hino de glória
 Cantaremos em louvor a Prestes
 Numa poesia sem igual
 Exaltaremos a vitória
 Deste grande imortal
 Prestes, pela heroicidade,
 Alcançou a imortalidade

Já da escola de samba Prazer da Serrinha, Prestes, que acompanhou de um palanque todos os sambas cantados em sua homenagem, ouviu os seguintes versos escritos por Mano Décio da Viola:

Sempre lutando
 Pela nossa liberdade
 Sofreste, oh! grande homem!
 Cavaleiro da Esperança
 Ficarás para sempre
 Na nossa lembrança

E a Lira do Amor, que ganhou um prêmio especial pela beleza do samba, cantou assim:

Foi o homem que pelo povo relutou
 Seu nome foi disputado dentro das urnas

Oh! Luis Carlos Prestes
Foi bem merecida a cadeira de senador
És o Cavaleiro que sonhamos
De ti tudo esperamos
Com todo amor febril
Para amenizar nossas dores
E levar bem alto as cores
Da bandeira do Brasil

O desfile foi um sucesso e a Prazer da Serrinha saiu campeã dentre 22 agremiações. Vespasiano Lírio da Luz aproveitou a euforia para prometer na *Tribuna Popular* que se fosse eleito vereador do Rio de Janeiro iria lutar junto a prefeitura para que fosse concedida uma subvenção permanente a todas as escolas de samba. O jornalista prometeu também tentar junto a Câmara dos Vereadores que todas as sociedades carnavalescas recebessem um terreno para a construção de suas sedes. Ainda se aproveitando do êxito dos desfiles, conseguiu com que a UGES e a *Tribuna Popular* fechassem uma parceria para elegerem o Cidadão do Samba e a Imperatriz do Samba de 1947. Era a iniciativa que a direita estava esperando para poder agir.

Vendo a aproximação do PCB com a UGES, era a hora de um contra-ataque, afinal, a maior festa da população não poderia ficar atrelada aos ideais comunistas. O então prefeito do Rio de Janeiro, Hildebrando de Araújo Góis e o delegado Cecil Borer, chefe da Divisão de Ordem Política e Social (DOPS), resolveram criar uma nova entidade que estivesse a frente dos desfiles das escolas de samba. Nos primeiros dias de janeiro de 1947 foi fundada a Federação Brasileira das Escolas de Samba (FBES), que em um primeiro momento reunia agremiações de menor expressão. Para legitimar a nova organização, nada melhor do que o apoio midiático. O jornal *A Manhã* passou a dedicar ao carnaval e as escolas de samba pelo menos uma página por dia. (CABRAL, 2011).

O periódico era do governo federal, um órgão oficial do Estado Novo, que pretendia divulgar as diretrizes governamentais a um público o mais diversificado possível. A Constituição de 1937 foi exposta de forma didática no jornal, aparecendo diariamente nas páginas da publicação⁶.

⁶ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>

Com o claro intuito de esvaziar e enfraquecer a UGES, a Federação Brasileira das Escolas de Samba filiou grupos que nunca se constituíram como escolas de samba. Em uma reunião com o prefeito Hildebrando de Araújo Góis compareceram 61 agremiações. Como era uma organização com o respaldo do governo, a FBES tratou logo de afastar a União Geral das Escolas de Samba da organização do carnaval de 1947. Foi criado um novo regulamento que estabelecia que o desfile obedecesse apenas à orientação da Prefeitura do Distrito Federal, que as escolas deveriam aceitar o resultado sem apelação e que a prefeitura aceitaria para o desfile daquele ano todas as escolas de samba organizadas.

O que se deu até as vésperas do carnaval foi um ataque entre as duas organizações através dos jornais que as apoiavam. Enquanto diretores da UGES foram a *Tribuna Popular* para chamar seus adversários de imorais o seu veículo de comunicação de um órgão fascista, os dirigentes da FBES usaram o *A Manhã* para declarar que a cúpula rival havia esquecido do samba e criado uma célula do Partido Comunista. As escolas de samba também foram envolvidas nesta disputa. A *Tribuna Popular* foi cobrir a escola Cartolinhas de Caxias, que tinha como enredo “Exaltação a Prestes”. Além disso, o jornal não perdia uma oportunidade sequer para criticar a prefeitura. Por outro lado, *A Manhã* visitou a Azul e Branco, que era uma escola íntegra, livre da política que estava manchando o samba. A disputa entre as duas organizações se refletiu no desfile de 1947. Dentre as 48 escolas de samba inscritas, apenas 26 participaram. (CABRAL, 2011)

A União Geral das Escolas de Samba sofreu um grande revés para o carnaval de 1948. No final de 1947, o PCB entrou na ilegalidade e como conseqüência disso, a *Tribuna Popular* parou de circular. A UGES perdia dois de seus pilares. Durante a caça aos comunistas, a entidade chegou a ter suas portas lacradas por policiais, mas conseguiu voltar a funcionar após recorrer a Justiça e obter uma liminar. Para piorar, o principal responsável pelos desfiles de 1948, Irênio Delgado, conseguiu uma determinação de que apenas as escolas filiadas a Federação receberiam a subvenção da prefeitura, esvaziando de vez a UGES.

O resultado do desfile de 1948 foi contestado pela Portela e pela Estação Primeira de Mangueira. As duas eram filiadas a UGES, e as escolas de maior importância no carnaval carioca. A Portela teve uma hegemonia de sete anos rompida e terminou com o terceiro lugar enquanto a Mangueira obteve a quarta colocação. A

questão é que a campeã foi a Império Serrano, uma dissidência da Prazer da Serrinha, que fazia seu primeiro desfile e pertencia a Federação Brasileira das Escolas de Samba.

Irênio Delgado foi eleito presidente da FBES no biênio 1949-1950, algo que agravou o descontentamento de Portela e Mangueira, que romperam com a Federação e tentaram fazer com que a União Geral das Escolas de Samba ressurgisse. Mas a iniciativa não obteve sucesso, pois em 1949 a prefeitura reconheceu como oficial, e conseqüentemente o único a contar com subvenção para as agremiações, o desfile das escolas de samba filiadas à FBES. Com isso, o Império Serrano venceu os campeonatos de 1949, 1950 e 1951, enquanto, no outro desfile a Mangueira venceu em 1949 e 1950 e a Portela se sagrou campeã em 1951. (CABRAL, 2011)

As escolas voltariam a unir apenas em 1952, após o fim do mandato de Irênio Delgado. Mas no primeiro ano desta reunião, o carnaval não teve resultado. Tudo isto porque, no momento em que o Império Serrano iniciava o seu desfile, um temporal desabou sobre a cidade do Rio de Janeiro. Ao final da apresentação da escola, apenas um dos cinco jurados permanecia no palanque da comissão julgadora. A agremiação pediu a anulação do desfile junto ao Departamento de Turismo e o julgamento foi anulado antes mesmo da abertura dos envelopes. O carnaval de 1952 foi decisivo para o reagrupamento de todas as escolas em torno de uma só entidade, a Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro, fruto da fusão entre a União Geral das Escolas de Samba e a Federação Brasileira das Escolas de Samba.

O pós-Segunda Guerra é uma prova cabal de como ideais políticos e governamentais necessitam de uma base midiática para propagarem os seus interesses. Sem um veículo de comunicação que divulgue as ideias não existiria maneira para capitalistas e comunistas atingirem as pessoas. Seja através de cartilhas governamentais, ou pela *Tribuna Popular* ou *A Manhã*, de alguma forma as políticas precisam entrar na cabeça da população. Ter um jornal apoiando o carnaval e com laços estreitos com as escolas de samba só ajuda a atingir as camadas mais populares. Neste caso, vitória do jornal *A Manhã*. Triunfo do capitalismo. Melhor para o governo de Eurico Gaspar Dutra.

4. DA ABERTURA POLÍTICA AOS ANOS 2000: DO PROTESTO AOS SAMBAS PATROCINADOS.

A história do envolvimento dos sambas de enredo, com política e comunicação dá um salto no tempo. Já foi visto que durante o período do Estado Novo a proposta política governamental era reforçada e propagada pelo DIP. O reflexo desta propaganda era fácil de ser visto nos meios de comunicação. E é claro que a maior festa popular do país não poderia ficar esquecida. Chamado de “Pai dos Pobres”, Getúlio Vargas sabia que o carnaval era mais uma maneira de agradar e ao mesmo tempo manter a população sob suas rédeas. As escolas campeãs durante o Estado Novo sempre exaltaram a pátria e seus heróis. Isso sem mencionar as festas realizadas no Estádio de São Januário. Getúlio tinha o costume de anunciar melhorias trabalhistas no dia 1º de maio, feriado do Dia do Trabalhador. Em mais de uma vez, o entretenimento destas solenidades era realizado pelas escolas de samba. Tudo muito bem organizado e articulado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. (CABRAL, 2011)

No período pós-Ditadura Vargas, a Guerra Fria também chega ao samba. Não é só Estados Unidos e União Soviética que disputam a preferência ideológica da população. A União Geral das Escolas de Samba acaba tomando uma posição mais de esquerda, se aproximando do comunismo. Não à toa, em novembro de 1946 um desfile é organizado no campo do São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em homenagem a Luis Carlos Prestes. Em virtude disso, em janeiro de 1947 é criada a Federação Brasileira das Escolas de Samba, com seus dirigentes voltados para a direita e o capitalismo.

E mais uma vez os meios de comunicação atrelados à política governamental foram decisivos nos rumos dos sambas de enredo. O governo escolhe o capitalismo, a mídia acompanha as medidas governamentais e, assim como o PCB, a ala comunista do samba entra na ilegalidade e a UGES, que vinha cuidando do carnaval carioca havia catorze anos, acaba sendo completamente esvaziada.

E chega o período da Ditadura Militar. Opressão, Atos Institucionais, Brasil Ame-o ou Deixe-o, tudo era feito de forma ufanista e críticas e denúncias eram censuradas. Notícias? As do governo. Elogios? Os do governo. Mas, diferentemente do que aconteceu na Era Vargas, as escolas de samba não assumem mais uma vez a exaltação a pátria como temas principais. O final dos anos 1960 e início dos 1970 ficaram marcados pelo surgimento de novos e inovadores artistas como Fernando Pamplona e Joãozinho Trinta. Durante os anos do regime militar os enredos são mais

ilustrativos, o Império Serrano vai conquistar um título homenageando Carmem Miranda, o Salgueiro vence com as Minas do Rei Salomão, a Beija-Flor conquista um tricampeonato falando de jogo do bicho, uma fantasiosa viagem à corte egípcia e a criação do mundo na tradição nagô. Isso sem falar de homenagens a Dorival Caymmi, Carlos Drummond de Andrade, Braguinha e aos estados da Bahia e do Amazonas.

A censura acompanhava tudo com uma proximidade tão grande que as escolas de samba optaram por abraçar outra vertente, sem defender bandeiras ideológicas e se preocupando simplesmente em realizar um espetáculo para o público. Um dos primeiros sambas de enredo que vai protestar é o da Caprichosos de Pilares de 1985, justamente o último ano da Ditadura Militar no Brasil. Relembrando carnavais e costumes antigos, a Caprichosos pede a volta do voto direto:

Oh! Saudade, ô
Meu carnaval é você
Caprichosamente
Vamos reviver, vamos reviver...
"Saudadeando" o que sumiu no dia-a-dia
Na fantasia de um eterno folião
O bonde
O amolador de facas
O leite sem água
A gasolina barata
Aquele Seleção Nacional
E derreteram a taça na maior cara-de-pau
Bota, bota, bota fogo nisso
A virgindade já levou sumiço
(Quero votar!)
Diretamente, o povo escolhia o presidente
Se comia mais feijão
Vovó botava a poupança no colchão
Hoje está tudo mudado
Tem muita gente no lugar errado
Onde andam vocês, ô ô ô
Antigos carnavais?
Os sambistas imortais
Bordados de poesia

Velhos tempos que não voltam mais
 E no progresso da folia...
 Tem bumbum de fora pra chuchu
 Qualquer dia é todo mundo nu...

O contexto era favorável. No ano de 1984 uma campanha popular mobilizou o país. Capitaneada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), as “Diretas Já!” reivindicavam a eleição de forma direta para a presidência da República, algo que não acontecia desde a eleição presidencial de 1960 que levou Jânio Quadros ao poder.

Em janeiro de 1984, com a adesão total do PMDB, os partidos organizaram um comício na Praça da Sé, em São Paulo, que superou as expectativas. Milhares de pessoas foram às ruas para pedir o voto direto. Após esta primeira manifestação, o movimento ultrapassou as organizações partidárias, tornando-se quase uma unanimidade nacional. Depois de muito tempo na obscuridade a população se levantava e via no voto direto como a resolução dos problemas do país, melhoria salarial, maior segurança e queda da inflação.

O *Jornal do Brasil* estampou em sua capa “Comício pelas diretas reúne multidão durante 4 horas em São Paulo”⁷. Acusada de ser ligada ao Regime Militar, a Rede Globo teria feito a cobertura da campanha das “Diretas Já!” de forma dúbia. Comícios em prol do movimento realizados em Curitiba e Vitória foram noticiados apenas nos telejornais locais, a manifestação da Praça da Sé foi tratada como uma comemoração do aniversário de São Paulo, pois o comício aconteceu no dia 25 de janeiro, dia do aniversário da cidade. A emissora passa a dar cobertura para o fato quando o *Jornal Nacional* passa a perder espectadores para o *Jornal da Manchete*.

Como os enredos do carnaval costumam ser escolhidos entre os meses de maio e julho do ano anterior, no ano de 1984 não vemos nenhum enredo de protesto, relacionado ao momento político que o Brasil se encontrava. Diferente do ano de 1985. Além da Caprichosos, Vila Isabel (“Parece até que foi ontem”), Portela (“Recordar é Viver”) e Salgueiro (“Anos Trinta, Vento Sul – Vargas”)⁸ falaram do passado, lembrando os bons tempos antigos. Mesmo com a Emenda Dante de Oliveira não

⁷ Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19840126&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

⁸ Ver letras dos sambas de enredo em Anexo 3

tendo conseguido os votos necessários e as eleições diretas tendo sido adiadas por mais quatro anos, era inevitável que o samba seguisse a tendência e não se aproveitasse da efervescência para protestar.

Com o samba de enredo de 1985, a Caprichosos de Pilares parece ter levantado uma bandeira. É fácil reconhecer ao menos três versos diretamente ligados às “Diretas Já!”:

(Quero votar!)
Diretamente, o povo escolhia o presidente
 (...)

 Hoje está tudo mudado
 Tem muita gente no lugar errado
 (...)

 Velhos tempos que não voltam mais
 E no **progresso** da folia...

Em 1983, o deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT) apresentou uma Proposta de Emenda Constitucional que tinha como objetivo o retorno das eleições diretas para presidente da república no Brasil, através da alteração dos artigos 74 e 148 da Constituição Federal de 1967.⁹ Esta projeto foi o grande catalisador do movimento das “Diretas Já!”, mas por se tratar de uma emenda constitucional, era necessário que dois terços do Congresso Nacional (320 deputados) votassem a favor para que a proposta seguisse ao Senado. O resultado da votação foi de 298 deputados a favor, 65 contra, 3 abstenções e 113 ausências no plenário.

Com o insucesso da Emenda Dante de Oliveira na Câmara dos Deputados, a disputa pela sucessão presidencial se deu via voto indireto no Colégio Eleitoral. De um lado, com o apoio dos militares, Paulo Maluf era o candidato do PDS (Partido Democrático Social). Já Tancredo Neves era a aposta do PMDB, que tinha formado a Aliança Democrática junto com o PFL, partido esse que indicara José Sarney a vice-presidente. Vale lembrar que Sarney tinha um passado político ligado a UDN (União Democrática Nacional), a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e ao PDS, todos os três partidos de origem conservadora, que pouco ou nada tinham a ver com o processo de democratização pensado pelo PMDB.

⁹ Texto original pode ser lido no Anexo 4 ou disponível em:
http://imagem.camara.gov.br/dc_20b.asp?largura=&altura=&selCodColecaoCsv=J&Datain=19%2F04%2F1983&txPagina=&txSuplemento=0&enviar=Pesquisar

Apesar de a eleição ainda ser indireta, Tancredo se aproveitou dos meios de comunicação para fortalecer seu prestígio e reforçar a pressão popular favorável à sua candidatura. A televisão e a ampla cobertura dos comícios pelos jornais ajudam o candidato. Em 15 de janeiro de 1985 a chapa Tancredo Neves/José Sarney é eleita no Colégio Eleitoral com trezentos votos de vantagem para Paulo Maluf.

Por conta de uma doença, Tancredo Neves nunca assumiu a presidência do país. Na véspera de sua posse, foi internado no Hospital de Base, em Brasília, com fortes dores abdominais. A Rede Globo, por intermédio do *Jornal Nacional*, fez uma ampla cobertura do estado de saúde do político. Do dia 14 de março de 1985 até o dia 21 de abril do mesmo ano, data da morte de Tancredo, sempre algum repórter da emissora estava de plantão no hospital. Os últimos quinze minutos do noticiário eram dedicados ao assunto. Não só por se tratar do presidente eleito do país, a chegada ao poder de Tancredo Neves significava uma quebra, uma mudança, o fim das amarras da Ditadura Militar. A morte do político aconteceu em um domingo, no período da noite, horário de exibição do programa *Fantástico*. Logo em seguida foi ao ar uma edição extraordinária do *Jornal Nacional*, ancorada pelo jornalista Sérgio Chapelin e com quatro horas de duração. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

Apesar do baque que o país sofreu com o falecimento de uma das principais figuras das “Diretas Já!”, as bases da democracia haviam sido lançadas. A população estava estimulada e entusiasmada com a nova perspectiva política do país. Uma fagulha de inspiração para o carnaval de 1986.

Se em 1985 a Caprichosos de Pilares usou de muita ironia para criticar a derrota da Emenda Dante de Oliveira, em 1986 o Império Serrano foi bem direto para dizer o que esperava da nova estrutura política do país. A censura havia acabado, os militares tinham deixado o poder, exilados políticos já estavam retornando ao Brasil desde 1979, a democracia era propagada aos quatro ventos. Motivada por isso, a escola de samba da Serrinha usou a maior festa popular do país para cantar um samba que refletia as expectativas do povo. O enredo dos então promissores Renato Lage e Lílian Rabelo se chamava “Eu Quero” e deu ao Império o terceiro lugar nos desfiles daquele ano:

Eu quero a bem da verdade
A felicidade em sua extensão
Encontrar o gênio em sua fonte
E atravessar a ponte

Dessa doce ilusão
 Quero, quero, quero sim
 Quero que o meu amanhã, meu amanhã
 Seja um hoje bem melhor
 Uma juventude sã
 Com ar puro ao redor
 Quero o nosso povo bem nutrido
 O país desenvolvido
 Quero paz e moradia
 Chega de ganhar ato pouco
 Chega de sufoco e de covardia
 Me dá, me dá
 Me dá o que é meu
 Foram vinte anos que alguém comeu
 Quero me formar bem informado
 E meu filho bem letrado
 Ser um grande bacharel
 Se por acaso alguma dor
 Que o doutor seja doutor
 E não passe de bedel
 Cessou a tempestade, é tempo de bonança
 Dona Liberdade chegou junto com a esperança
 Vem meu bem, vem meu bem
 Sentir o meu astral
 Hoje estou cheio de desejo
 Quero lhe cobrir de beijos, etcétera e tal

Crítica mais direta impossível. O samba de autoria de Aluísio Machado, Luiz Carlos do Cavaco e Jorge Nóbrega pedia “um amanhã bem melhor”, “o país desenvolvido”, dizia que bastava de ganhar pouco, de sufoco e moradia. E fazia uma clara referência ao tenebroso período que o Brasil passou ao afirmar que “foram vinte anos que alguém comeu”. Para finalizar a melodia, deixava bem claro que os tempos de tempestade haviam acabado e que a esperança vinha junto com a liberdade.

Com as primeiras eleições presidenciais diretas confirmadas para novembro de 1989, o clima do país ficou mais leve, os partidos políticos podendo se articular na legalidade, sem temer qualquer tipo de repressão. Porém, as melhorias em relação aos

salários, inflação e qualidade de vida não foram instantâneas como a população esperava.

Em fevereiro de 1986, o presidente José Sarney, que havia assumido por conta do falecimento de Tancredo Neves, lançou o Plano Cruzado, que visava melhorar as condições econômicas do país. Dentre as principais medidas, estavam o congelamento de bens e serviços nos níveis em 27 de fevereiro daquele ano, congelamento da taxa de câmbio por um ano, alteração da unidade do sistema monetário — a moeda deixou de ser chamada cruzeiro e passou a se chamar cruzado — criação de um seguro-desemprego para quem fosse demitido sem justa causa ou por fechamento das empresas e um reajuste automático dos salários sempre que a inflação atingisse os 20%. (FAUSTO, 2009)

O *Jornal do Brasil* estampou em 28 de fevereiro “Sarney lança o plano da Inflação Zero”¹⁰. Já em 1º de março que “Sarney faz do povo fiscal contra a inflação”¹¹. Mas o maravilhoso plano fracassou. Os erros começaram a ser reparados devido aos desequilíbrios dos preços relativos da economia. Por conta do congelamento dos preços, muitos produtos que se encontravam na entressafra, como carne e leite, se tornaram escassos. Além disso, o próprio governo não tinha um controle de gastos, o congelamento das taxas de câmbio fez o país perder uma parcela das reservas internacionais e os juros reais da economia estavam negativos, algo que desestimulava a poupança e favorecia o consumo.

O que complicou toda a situação governamental foi que o fracasso do plano só foi tornado público após as eleições de novembro, quando o PMDB conseguiu eleger 22 governadores e o PFL, também governista, elegeu um. A população brasileira foi da euforia do Plano Cruzado à decepção e desconfiança quanto aos rumos da economia do país. Depois das eleições, os preços foram descongelados e a inflação atingiu níveis maiores do que os anteriores ao plano. Fatos que levaram inclusive o Brasil a declarar moratória em fevereiro de 1987. (FAUSTO, 2009)

O *Jornal do Brasil* durante o mês de novembro de 1986 acompanhou os problemas econômicos do país. No dia 12 relatou que as reformas do Plano Cruzado estavam próximas, em 20 e 21 do mesmo mês o aumento de 60% do combustível. Já no

¹⁰ Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19860228&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

¹¹ Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19860301&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

dia 22 a capa estampava a demissão por parte do governo de 31 mil funcionários por conta da economia, três dias depois o aumento do aluguel estava liberado, mais três dias e um protesto gerou grandes confusões em Brasília, culminando com uma vertiginosa queda de popularidade de José Sarney no dia 1º de dezembro.¹²

Embalada pelo Plano Cruzado, proximidade das eleições diretas, liberdade política, a Caprichosos de Pilares volta a atacar com sua acidez. O enredo do carnaval de 1987 se chamava “Ajoelhou tem que rezar... ou eu prometo”, e o samba de enredo foi assinado por Evandro Bóia, Naldo do Cavaco e Toninho 70:

Estou cansado de ser enganado
Papo furado é demagogia
Não vão aceitar (o quê ?)
A minha barriga vazia
Espero da constituinte
Em minha mesa muito pão
Uma poupança cheia de cruzados
E um carnaval com muita paz no coração
Vou deitar, rolar
Pular feliz
Essa é a vida
Que eu sempre quis
Vamos, meu povo
Democracia é participar
Vote, cante, grite
É tempo de mudar
Quem vive de promessa é Santo
E eu não sou santo, meu senhor
Seu deputado, eu votei
E agora posso exigir
Quero ver você cumprir
Seu lero lero, blá, blá, blá
Conversa mole isso aí
É papo pra boi dormir
Ajoelhou, tem que rezar

¹² Acervo digital do *Jornal do Brasil*. Disponível em:
http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19891216&b_mode=2&hl=pt-BR

Não quero mais viver de ilusão
Você prometeu
Agora vai ter que pagar
Não vai me deixar na mão

Mais uma vez o carnaval carioca é palco dos descontentamentos e protestos da população. É a festa do povo servindo de instrumento para o povo. Em 1987 os sambistas de Pilares já entendiam que o político só está no cargo que está por conta da vontade do povo. Chega de ser enganado, basta de promessa de campanha porque os cidadãos querem empregos e bons salários. Mais uma vez vivendo em uma democracia, a população precisa participar e batalhar pelos seus direitos. E a partir do momento em que vota em um candidato, tem total direito de exigir as promessas de campanha. Os sambas de enredo andando de braços com o desenvolvimento político e das comunicações do país.

Ainda neste ritmo de eleições, no carnaval de 1990 a Unidos do Cabuçu fala diretamente das eleições presidenciais de 1989. E mesmo com o samba de enredo tendo sido escolhido antes do resultado final da eleição – os sambas são escolhidos no final do mês de outubro e o segundo turno da disputa entre Fernando Collor e Luis Inácio Lula da Silva foi em 17 de dezembro de 1989 – parecia que os autores do samba já sabiam o que estava por vir.

A disputa presidencial entre Collor e Lula teve uma grande polêmica. A Rede Globo, que transmitiu o debate entre os dois no segundo turno, exibiu no dia seguinte a este embate um compacto com os melhores momentos da sabatina dos candidatos. Já admitido pela emissora tempos depois, o compacto foi feito como se faz em um jogo de futebol, pegam os melhores momentos de ambos os lados e se exhibe, independente da quantidade de “lances” de cada oponente. O resultado é que Fernando Collor aparecia massacrando seu adversário por completo durante o debate, os melhores momentos do futuro presidente continham um minuto e meio de respostas a mais do que o de Lula. De acordo com a Globo, por considerarem Collor melhor, deveriam mostrar mais pontos de vista do mesmo. A emissora reconheceu o erro e considerou que os debates só devem ser mostrados na íntegra, ou então que se reprimem as mesmas respostas dos candidatos para determinados temas. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

Diferente abordagem teve o *Jornal do Brasil*, que acompanhou desde os primeiros dias de dezembro o crescimento da campanha de Lula, e seu ganho de pontos

percentuais de acordo com as pesquisas do Ibope. No dia 15 de dezembro a capa do jornal dizia que “Debate foge de escândalo e respostas”¹³, enquanto que no dia seguinte a manchete era “Debate anima Collor e frustra PT”¹⁴. Não houve, neste caso, uma tomada clara de posição, o *Jornal do Brasil* limitou-se a noticiar, e não induzir os leitores a se aproximarem de qualquer lado.

No final, o resultado aos olhos do grande público é que Collor saiu vencedor do debate e Lula não estava preparado para o cargo. Vitória de Fernando Collor, primeiro presidente eleito pelo voto direto no pós-Ditadura Militar.

Em 1990, a Unidos do Cabuçu com o enredo “Será que votei certo para Presidente?”, dos autores Afonsinho, João Anastácio, Walter da Ladeira e Carlinhos do Grajaú cantou assim:

O sol da liberdade
 No horizonte enfim raiou
 Com rara felicidade
 O povo livre votou
 Vejam só
 A ironia do destino está presente
 Vejam só, parece mentira eu votei pra presidente
 Era muita pilantragem
 A mais grossa sacanagem
 Uma Avilã, podes crer
 Por trás de tanta lambança
 Uma luz uma esperança
 Firme em cada alvorecer
 Eu votei, se votei certo só mesmo o tempo dirá
 Peço a Deus sinceramente que ilumine o presidente
 Desde agora, desde já
 Proteção ao índio
 À flora e aos pantanais
 O ouro é nosso, não deixe ser extintos os animais
 Senhor presidente, pra essa miséria ter fim

¹³ Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19891215&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

¹⁴ Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19891216&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

Faça um governo capaz
Dê melhor vida amor e paz
O povão espera assim

Dois anos depois, Collor sofreu *impeachment* e deixou o cargo de presidente da República. A Cabuçu bem que tentou, teve esperança e pediu iluminação mental ao novo governante do país. Mas apesar de o “povão esperar assim”, não deu certo.

Quem assumiu o cargo de chefe de estado brasileiro foi o vice-presidente Itamar Franco. Com o país em grave crise econômica, Itamar e seu Ministro da Fazenda, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, instituíram um plano econômico que pudesse conter os índices da inflação no Brasil. Era a sétima tentativa de estabilidade econômica desde 1986 com o lançamento do Plano Cruzado. Esse plano foi fruto de uma série de recomendações econômicas que estavam sendo cogitadas por grandes instituições financeiras baseadas em Washington DC, capital dos Estados Unidos, que deveriam ser aplicadas nos países da América Latina.

O Plano Real gerou impactos imediatos sobre a inflação e aumentou o poder de compra da população. Desvinculada da moeda vigente, o cruzeiro real, foi criada a Unidade Real de Valor (URV), que serviria de referência de cálculo para preços e contratos firmados desde a sua criação, em 1º de março de 1994. Cada URV equivalia a 1 dólar e o cruzeiro real se desvalorizaria até que entrasse em circulação o real, que equivaleria a URV. (FAUSTO, 2009)

O sucesso do plano aliado à cobertura televisiva foram os principais fatores que levaram Fernando Henrique a vencer as eleições presidenciais de 1994. Após o *impeachment* de Fernando Collor, Luis Inácio Lula da Silva era o grande favorito a sair vitorioso da corrida presidencial. Liderava todas as pesquisas até maio daquele ano. Mas a entrada de circulação do real em 1º de junho e seu imediato sucesso foram catalisadores da candidatura e vitória de FHC ainda no primeiro turno.

O *Jornal Nacional* foi de suma importância para a divulgação do Plano Real. Fez diversas reportagens para explicar para a população como seria o processo de implementação da nova moeda. Existia uma tabela de conversão de difícil compreensão e o noticiário foi bastante esclarecedor. Repórteres do programa acompanhavam reuniões e entrevistas da equipe econômica e davam informações sobre as medidas que estavam sendo tomadas.

Além disso, o *Globo Repórter* de 1º de junho foi dedicado exclusivamente ao Plano Real. O programa abriu espaço para que os telespectadores tirassem suas dúvidas. A Rede Globo disponibilizou uma linha de telefone gratuita para que a população ligasse e conseguisse esclarecimentos. Foi montado um estúdio em Brasília e o jornalista Joelmir Beting ancorou a atração e entrevistou ao vivo o então Ministro da Fazenda Rubens Ricupero e o presidente do Banco Central Pedro Malan. Nada era mais importante naquele momento. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

Em fevereiro do ano seguinte, a Vila Isabel resolveu mostrar na Marques de Sapucaí a história do dinheiro e da moeda. Apesar de não falar diretamente sobre o Plano Real, o samba de enredo “Cara ou coroa, as duas faces da moeda” encerrava deixando bem claro o sentimento da população. Depois de passear pela história do dinheiro a obra terminava com os seguintes versos:

(...)

A inflação deixou de herança

No real, realidade é esperança

Apesar dos diversos problemas econômicos vividos pelo país desde o ano de 1994, o real se consolidou como a moeda brasileira. Mesmo em tempos de crise como nos anos de 1997 e 1998 e no início dos anos 2000, o real conseguiu se estabilizar durante os oito anos de governo Lula e o Brasil hoje tem a sétima economia do mundo. A cobertura jornalística televisiva foi crucial e diferente do que aconteceu com o samba de enredo da Unidos do Cabuçu em 1990, com o real a esperança se tornou realidade.

No carnaval de 1996, um tema que havia muito era tabu e que ainda hoje, ano de 2013, é de difícil abordagem, foi cantado na Passarela do Samba. A reforma agrária. A primeira vez que esse assunto foi falado abertamente foi em 1963 com o presidente João Goulart. A elite brasileira ficou assustada e o discurso de Jango em prol das camadas populares foi um dos motivos que a direita brasileira precisava para dar o golpe militar. Lula também buscou tratar da questão em suas falas e, mesmo sem ter sido a principal causa, perdeu três eleições presidenciais em sequência.

Fundado em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), já estava na atividade há dez anos antes de ter suas atividades noticiadas no horário nobre da televisão brasileira. O movimento ficou conhecido nacionalmente após uma matéria do *JN*, que mostrava como os trabalhadores agiam, invadindo propriedades rurais inutilizadas. Só no ano de 1994 foram 90 invasões em fazendas de 21 estados, com

predominância no Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. A repercussão da reportagem foi imediata. Um grupo de latifundiários impressionados com a organização do movimento e com medo de que suas terras fossem invadidas pediu ajuda ao governo federal, mas o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) nada fez.

O problema persistia e, um ano depois, o mesmo *Jornal Nacional* mostrava que três fazendas no Pontal do Paranapanema haviam sido invadidas. Apesar da ampla cobertura e da crescente atenção da opinião pública para a reforma agrária, os confrontos entre o MST e policiais foram se tornando cada vez mais violentos. Em agosto de 1995 nove trabalhadores rurais e dois policiais foram mortos em Corumbiara, no estado de Rondônia. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

Envolvimento maior da população na questão e noticiários olhando cada vez mais para os trabalhadores rurais e a luta do MST só poderia resultar em uma coisa: os problemas sociais cantados mais uma vez na Sapucaí.

Em 1996 o Império Serrano entoou “Verás que um filho teu não foge à luta”. Com letra de Aluísio Machado, Lula, Beto Pernada, Arlindo Cruz e Índio do Império, a escola de samba de Madureira falou das agruras do trabalhador, na sua luta diária, mostrava o quanto o pobre estava com fome e o rico sentia medo. Mais do que isso, cobrava democracia, igualdade e pedia por um pedacinho de terra:

O povo diz amém
É porque tem
Um ser de luz a iluminar
O moderno Dom Quixote
Com mente forte vem nos guiar
Um filho do verde esperança
Não foge a luta, vem lutar
Então verás um dia
O cidadão e a real cidadania
Quero ter a minha terra
Meu pedacinho de chão, meu quinhão
Isso nunca foi segredo
Quem é pobre tá com fome
Quem é rico tá com medo
Vou dizer ...
Quem tem muito, quer ter mais

Tanto faz se estragar
Joga lixo no chão, tem bugica pra catar
Senhor, despertai a consciência
É preciso igualdade
O ser humano tem que ter dignidade
Morte em vida, triste sina
Pra gente chega de viver a Severina
Junte um sorriso meu, um abraço teu
Vamos temperar
Uma porção de fé, sei que vai dar pé
Não vai desandar
Amasse o que é ruim, e a massa enfim
Vai se libertar
Sirva um prato cheio de amor
Pro Brasil se alimentar
Em me embalei, pra te embalar
No balancê, balancear, vem na folia
Chegou a hora de mudar
O meu Império vem cobrar democracia

Mesmo conseguindo apenas o sexto lugar no desfile do Grupo Especial do Rio de Janeiro, o Império Serrano foi uma das escolas mais festejadas na Sapucaí e teve um dos sambas de enredo mais cantados do ano. A população se enxergava nas fantasias e alegorias exibidas na avenida. Quando os manifestos são feitos do povo para o povo costumam ter uma repercussão extremamente positiva. Levando ainda em conta a conjuntura propícia para a discussão do tema e a exibição em cadeia nacional dos desfiles da escola de samba, o momento e a escolha do enredo não poderiam ter sido melhores.

Apesar do sucesso de crítica e da ótima repercussão, em 17 de abril de 1996 aconteceu o maior massacre de sem-terra do país. Um grupo de 300 trabalhadores resolveu protestar em uma estrada no extremo sul do Pará por conta da demora do Incra em desapropriar uma fazenda de 40 mil hectares. Os policiais agiram com truculência, disparando tiros de metralhadora na direção dos sem-terra. Ao final do conflito foram 19 mortos e dezenas de feridos. O presidente Fernando Henrique Cardoso foi a público afirmar que o Incra precisava de mudanças e que o governo e os trabalhadores rurais deveriam se unir em virtude da reforma agrária.

Raimundo Lameira, capitão que comandou a ação da polícia, e Mário Pantoja, coronel que era responsável pela PM, foram levados a julgamento pelo massacre de Eldorado dos Carajás apenas no ano de 2002. Lameira foi absolvido por falta de provas. Já Pantoja, apesar de ter sido condenado a 228 anos de prisão, pôde recorrer e responder ao processo em liberdade por ser réu primário.

As homenagens a figuras importantes da história são temas recorrentes nos desfiles das escolas de samba. Ainda nos anos 1930, no começo das disputas, já é possível notar tal tendência. Mas em 1998 uma homenagem em especial é digna de ser lembrada, a Acadêmicos do Grande Rio escolhe levar Luis Carlos Prestes para a avenida com o enredo “Cavaleiro da Esperança”. Uma das figuras mais proeminentes da história política brasileira, Prestes faria 100 anos em 1998. Lutando pelos interesses do povo, foi exilado duas vezes, teve a mulher deportada e depois morta nos campos de concentração germânicos durante a Segunda Guerra Mundial. Neste caso específico da Grande Rio, a política e a comunicação não influenciaram tão diretamente o samba de enredo. Mesmo não tendo sido considerada uma das obras primas do gênero, a letra de João Carlos, Carlinhos Fiscal e Quaresma faz o papel de explicar política e comunicar a todos que não conheciam muito bem o *Cavaleiro da Esperança*.

Desperta, nasceu
 Cem anos nos pampas, que herança
 Coração vermelho a palpitar
 Cavaleiro da Esperança
 Luiz do proletário carleando a nação
 Enfrentou adversários
 Fez do verbo o seu canhão
 Sonhos de P de coragem
 Cheio de C de paixão
 Pelas trilhas destas terras, destas terras
 Explosão de arte e guerra, não se encerra
 Igualdade em seu pensar
 Bolívia, Rússia, China, um exílio que ensina
 Proporciona um novo lar
 Frutos de sua batalha
 Fez-se a tropicália
 E no senado ascender

E a coluna vai embora
Prestes soube e fez a hora
Esperar é perceber ...
Hoje de cara pintada
Grande Rio irmanada, com imenso prazer
Tocantins se manifesta, a hora é essa
Prestes a acontecer
Ah ! Eu tô maluco, amor
Ah ! Quero reformas já
Ah ! Quero paz e amar
Sou Caxias, vou marchar

Com muito mais cobertura da mídia, o carnaval do ano 2000 foi temático: os 500 anos do Descobrimento do Brasil. Todas as escolas de samba deveriam falar sobre o tema. Durante o ano inteiro diversas comemorações foram realizadas por todo o país. Na verdade, os preparativos para os festejos começaram bem antes de 22 de abril de 2000. Vários relógios foram instalados em capitais brasileiras fazendo a contagem regressiva para a data comemorativa, réplicas das naus *Capitânia* e *Espírito Santo* foram construídas e diversos shows foram programados. O problema é que a população aproveitou a data para protestar, relógios foram quebrados, as naus não saíram do lugar e os índios, que deveriam ser os homenageados da data, foram agredidos em festividades na Bahia e por conta de suas péssimas condições de vida, enviaram cartas de protesto ao presidente da república.

E no desfile das escolas de samba, onde todas as agremiações deveriam cantar o país, venceu aquela que homenageou os portugueses descobridores. Com muita contestação do resultado por parte do público e das escolas rivais, o título ficou com a Imperatriz Leopoldinense com o enredo “Quem descobriu o Brasil, foi Seu Cabral, no dia 22 de Abril, Dois Meses depois do Carnaval”. As comemorações não deram muito certo.

Com o país tomando novos rumos, adotando políticas neoliberais, favorecendo o consumo, comércio e investimentos externos, não demoraria muito tempo para o carnaval tomar o mesmo caminho. Desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 tem se tornado comum os enredos patrocinados. No jornalismo isso também acontece, multinacionais que se tornam acionistas de redes de jornal e televisão, patrocinadores

dos comerciais que garantem o lucro dos empregados das empresas. Não é correto, mas em determinados casos o jornalismo também virou um negócio.

No carnaval de 2003, a Grande Rio, que acabou se tornando a “escola da Globo” por conta da grande quantidade de atores da emissora que lá desfilam, homenageou a companhia de mineração Vale SA, antiga Vale do Rio Doce, uma das maiores empresas da história do país. Uma escola de samba não realiza este tipo de enredo sem uma contrapartida. Normalmente, as empresas buscam as agremiações apresentando o tema, com isso oferecem patrocínio e subsídios para que o desfile possa ser o melhor possível. Além disso, costumam promover melhorias nas quadras das escolas de samba, gerando lucro para as mesmas. E, se no jornalismo acaba gerando um conflito de interesses quando uma matéria de seu patrocinador é exibida ou noticiada, no carnaval não haveria de ser diferente.

Um desfile sobre a Vale não vai dizer quais os impactos ambientais negativos causados pela empresa, ou uma possível exploração ilegal feita pela companhia, ou até mesmo a insatisfação dos trabalhadores com salários ou possíveis condições de trabalho. Para isso, basta ver a sinopse do enredo da Grande Rio de 2003 feita pelo então carnavalesco da escola Joãozinho Trinta:

Meu coração brasileiro vibra de emoção e alegria! Contemplo, maravilhado, um VELHO SÁBIO chamado TEMPO. Reino fascinante de ouro, prata, pedras preciosas e minérios raros, faiscando em múltiplas e deslumbrantes cores. Tocado pela imaginação, volto ao passado. SOU BANDEIRANTE e AVENTUREIRO. Avanço por matas virgens e encontro o magnífico Vale do Rio Doce, nas Minas Gerais. Surge o ELDORADO. Criei CIDADES COLONIAIS, cheias de histórias, onde o BARROCO cristalizou o Sagrado e o Profano. Além das preciosidades, foram descobertas MONTANHAS DE FERRO e outros MINÉRIOS. A exploração dessas riquezas trouxe o PROGRESSO PARA O BRASIL. Mas também levantou-se a BANDEIRA DA ECOLOGIA. Protegemos a MATA ATLÂNTICA. Preservamos, com carinho, a nossa FAUNA e a nossa FLORA. Cuidamos das águas dos RIOS e MARES. E caminhamos em busca de novos tesouros. Chegamos nas RESERVAS INDÍGENAS DOS KARAJÁS. Respeitamos o índio, suas culturas, lendas e danças. Por todas as partes, levamos EDUCAÇÃO e ARTE. Louvamos a criança,

ser soberano, herdeiro de todo o relicário de nossa rica Mãe Natureza. Nossos filhos serão os bandeirantes da modernidade. E, quando sopram os VENTOS DA EXPANÇÃO E DO PODERIO, elas fazem um convite aos POVOS DO MUNDO inteiro. Venham , alegres e felizes. Vamos cantar e dançar no carnaval da GRANDE RIO. Com orgulho e vibração, exaltamos o BRASIL QUE VALE!¹⁵

Pensamento refletido e corroborado por Mingau, Derê e Marcos Moreno no samba cantado pelo intérprete Wander Pires:

Valeu Brasil

Terra onde o tempo é o senhor, ô, ô, ô

Trago sonhos bordados em ouro

És o gigante da alegria, és meu tesouro

Nas matas viajei, sou desse chão um rei

Onde pisei deixei meu coração aventureiro

Cheguei em Minas, o Eldorado Brasileiro

Andei, criei cidades coloniais

Na história, o vento nos traz

Salve o barroco, estilo igual jamais

Uma luz brilhou no céu eu vi

Um sol de bronze a reluzir

Nuvens de prata vão cobrir

As montanhas de ferro é o progresso a surgir

Vê, meu bem, quanta beleza

A mãe-natureza tem pra dar

Tudo que o bom Deus criou

O homem tem que preservar

O orvalho molha as flores

Pro Vale do Rio Doce eu vou

Os passarinhos voando, entoam um canto de paz

Enquanto danço com índios em Carajás

Deixe o futuro chegar

Que a criançada vai ver

¹⁵ Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-grande-rio/2003/183/>

Quanta magia tem na arte e no saber
Vem, meu povo, a festa começou
Vem que a voz da alegria eu sou
Solto grito da garganta, a Grande Rio chegou
Meu amor

São inegáveis as melhorias para o Brasil que a companhia trouxe desde a sua fundação em 1942. Jornais, revistas e telejornais noticiaram todas estas conquistas ao longo dos anos. Enquanto ainda era uma empresa estatal, governantes se gabaram do sucesso e lucro obtido. Com política e comunicação andando lado a lado, o carnaval vai refletir o mesmo ponto de vista de ambos.

Os enredos patrocinados só aumentam a cada desfile que passa. É comum ver na Marques de Sapucaí empurradores de carros alegóricos, integrantes da harmonia e da diretoria com patrocínios estampados em suas camisas e uniformes, algo que era proibido no carnaval.

Há de se destacar outros patrocínios, como a Vila Isabel campeã em 2006, que recebeu grande aporte financeiro da PDVSA, empresa estatal de petróleo da Venezuela, para produzir um enredo sobre a latinidade, relembrando os grandes heróis da América Latina. Ou a Beija-Flor de Nilópolis vencedora em 2004 e 2008 com apoio das prefeituras de Manaus e Macapá respectivamente. A Grande Rio em outras duas oportunidades contou com a patrocínio de grandes empresas, no ano de 2008 da Petrobrás ao falar de gás natural e em 2010 da Ambev ao homenagear o “Camarote Número 1” da Sapucaí, o camarote da cerveja Brahma, um dos maiores produtos da empresa. Vale citar também a Unidos do Porto da Pedra, que em 2012 teve apoio da Danone para fazer um enredo sobre iogurte.¹⁶

O número é cada vez mais crescente. No carnaval de 2013, apenas duas das doze escolas do Grupo Especial do Rio de Janeiro não tiveram patrocínio, a União da Ilha do Governador que homenageou o poeta Vinícius de Moraes e a Portela que apresentou o bairro de Madureira na Passarela do Samba. O sucesso de 2013 ficou com a Vila Isabel e a Beija-Flor, campeã e vice respectivamente. A primeira colocada teve suporte da Basf, empresa química líder mundial, para cantar “A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo – água no feijão que chegou mais um...”, que exaltava o dia-a-dia do agricultor brasileiro. Já a segunda colocada foi patrocinada pela Associação Brasileira dos

¹⁶ Ver letras dos sambas de enredo em Anexo 3

Criadores de Cavalo Mangalarga Marchador. O enredo, como não poderia deixar de ser, foi sobre o cavalo mangalarga marchador, animal não tão conhecido pelo grande público. Esta tendência nada mais é do que o potencial que tem o carnaval e os sambas de enredo. As obras ficam prontas em outubro e o carnaval é no final de fevereiro, são quatro meses nos quais as letras ficam ecoando pelas cidades, estados e pelo país. São oitenta e dois minutos de desfile transmitidos ao vivo para o Brasil inteiro. Com o potencial de pessoas atingidas e influenciadas, dificilmente as empresas não terão um retorno positivo. O samba se apropriando dos meios de transmissão para comunicar e divulgar os ideais das marcas.

Ainda se aproveitando desde potencial, empresas e governos poderiam usufruir disto para campanhas educativas. Existem dois exemplos excelentes, mais precisamente no carnaval de 2004. A Acadêmicos do Grande Rio escolheu como seu enredo “Vamos vestir a camisinha, meu amor!”, e falava da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis. O desfile remetia a Adão e Eva, a sedução, ao sexo como forma de saúde e vigor físico, mas abordava acima de tudo o uso da camisinha e aos males que as DST's poderiam causar. Eis a sinopse do enredo elaborado por Joãozinho Trinta:

Fique sabendo:

O luminoso Dia foi separado da fascinante Noite e, surgiu, o JARDIM DAS DELÍCIAS... pleno de Flores, Frutas, Aves e Animais, tudo era maravilha. E, foi criado o HOMEM. Mas, faltava a MULHER. Deslumbrante nas suas formas e beleza, ela surge no PARAÍSO. A felicidade era total. Lá, para as bandas do ORIENTE os sábios presenciavam os relacionamentos entre os Seres Humanos e ensinavam Lições de Amores. Mas, uma astuciosa Serpente estava lá no ÉDEN para bagunçar aquele Sereno e Afrodisíaco Coreto. E conseguiu. Criou VIRUS demoníacos e mortíferos, espalhando epidemias por todas as épocas. Eis porque, desde as mais antigas eras, a humanidade e até os Deuses Gregos procuraram uma defesa ou um preservativo para aqueles males. Os primeiros preservativos, chamados de “Camisa De Vênus”, foram feitos de vísceras de bode, carneiro e outros animais. E surgiu o brilho do DIAMANTE AZUL aumentando a TESÃO humana. Por isto, usar CAMISINHA é obrigação tanto nas brincadeiras de jovens adolescentes, até nos prazeres da Melhor Idade, quando os idosos revivem seu passado. GAYS, LÉSBICAS E SIMPATIZANTES que todos vivam em

liberdade, mas tenham cuidado, usem a camisinha.
 Vamos preservar a SAÚDE e o VIGOR Físico!
 Vamos proteger as crianças!
 Vamos festejar o milagre da vida!
 Vamos cantar e dançar com alegria
 Na folia do carnaval da GRANDE RIO
 Comandada pela Sabedoria do VELHO GUERREIRO CHACRINHA
 que dizia:
 BOTA A CAMISINHA
 BOTA MEU AMOR...¹⁷

Neste mesmo ano de 2004 a Mocidade Independente de Padre Miguel cantou sobre os cuidados no trânsito com o enredo “Não corra, não mate, não morra. Pegue carona com a Mocidade!”, pedindo um maior cuidado e respeito às leis do trânsito, um dos problemas que mais mata pessoas no Brasil por ano. O samba de Santana e Ricardo Simpatia tem todos os ingredientes da boa conduta no automóvel. Os autores parecem ter assistido a todas as propagandas de televisão, ouvido os slogans das rádios, lido os outdoors das ruas:

Brilhou um novo dia
 Pegue carona com a Mocidade
 O curso da alegria
 A despertar toda cidade
 É manhã de carnaval
 Dou um alerta geral
 Vamos colocar o cinto, respeitar a vida
 Um descuido é fatal
 A máquina evoluiu
 O mundo inteiro aplaudiu
 Atraindo aventureiros
 Traiu em cena, o orgulho brasileiro
 Amor, paixão, velocidade é ilusão
 Dirijo meu carro
 Se tomo um pileque

¹⁷ Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-grande-rio/2004/183/>

Dou a vez na direção
Basta de tanto acidente
Não seja imprudente
Subir ao pódio assim não dá (meu Brasil)
Seja mais consciente
A vida é um presente
Chegou a hora de mudar
Sai desse "pega" moleque
Pisa no breque
Tem alguém a te esperar
Veja a harmonia do sol e da lua
Um exemplo a se espelhar
Pare, pense
Olhe a sinalização
Proteja quem te ama
Siga em paz na direção

Esta letra poderia muito bem ser uma cartilha do governo ou mesmo uma propaganda a ser transmitida em todas as emissoras de rádio e televisão quando o assunto fosse seguir as normas de trânsito.

5. CONCLUSÃO

O governo detém o controle do país. Política, econômica e até mesmo ideologicamente. Isso não foi exclusividade do Brasil durante a Era Vargas, a Ditadura Militar ou mesmo em casos que ainda acontecem hoje. Existem reclamações de cerceamento da imprensa em Cuba, China, Estados Unidos e outros países mais.

Desta maneira, decidem quais e de que maneiras as informações vão chegar para a população. Se for necessário reportar só metade da notícia, ou impuser determinado ponto de vista isto será feito. Assim sendo, o governo decide qual posição a imprensa e, conseqüentemente, o povo irão tomar.

Neste trabalho, vimos que em determinados períodos da história brasileira, quando os meios de comunicação tentaram se opor ao governo e mostrar o outro lado da notícia, foram censurados ou até mesmo impedidos de circular e noticiar.

A imprensa, em sua essência, deveria se propor apenas a noticiar, expor os lados da história sem criar qualquer tipo de juízo de valor. Cabe ao leitor, ouvinte ou telespectador escolher no que acreditar após tirar sua própria conclusão. Mas a partir do momento que tal meio de comunicação opta por adotar uma posição definida, acaba por privar uma parcela da população de todos os fatos. Isso contribui para uma alienação de parte do povo, apenas o que é dito em determinada rádio, jornal ou TV que é verdade.

Getúlio Vargas soube muito bem aproveitar a estrutura criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda para se promover e diminuir seus adversários. Dissolveu os partidos se tornou estadista e ditador, mas, por controlar os meios de comunicação, era visto aos olhos do povo como um pai, alguém que só queria o bem da população. Como foi exposto, o reflexo desta dominação apareceu no carnaval carioca. Por mais que não tenha sido uma orientação do DIP em primeira instância, os enredos que falassem do Brasil e exaltassem os heróis nacionais foram prontamente absorvidos pelo departamento como uma norma imposta pelo mesmo.

O carnaval é, originalmente, uma manifestação popular, momento de o povo falar diretamente com o povo. Desde as marchinhas, as letras das músicas de carnaval contam alguma situação, seja ela divertida, seja algum problema da cidade. Porém, quando as letras e enredos passam a ter a obrigação de exaltar a pátria e falar apenas dos heróis nacionais, o carnaval se torna também mais um meio de dominação do governo. Apesar de o sentimento nacionalista ser grande à época por conta da Segunda Guerra

Mundial, era ainda uma maneira do governo tirar proveito dos sambas de exaltação a pátria.

Proveito esse que o governo de Eurico Gaspar Dutra teve ao esvaziar e posteriormente fechar a União Geral das Escolas de Samba por conta de sua aproximação com os ideais comunistas. Dutra utilizou um jornal para cobrir as escolas associadas à Federação Brasileira das Escolas de Samba, alinhada aos ideais governistas. O jornal *A Manhã*, órgão do governo, fez uma cobertura extensa do carnaval, privilegiando estas agremiações e criticando a UGES, que seria uma célula do Partido Comunista. No final das contas só as escolas filiadas a FBES foram favorecidas. Mais uma vez, o governo se aproveitou dos meios de comunicação para impor seus ideais e passar uma mensagem para a população.

O panorama só vai mudar com o final da Ditadura Militar e o término da censura. Em 1985, a Caprichosos de Pilares se aproveita no clamor popular com a campanha das “Diretas Já!” e desfila na Marquês de Sapucaí com um samba de enredo que pedia a volta das eleições diretas para presidente. No ano seguinte é a vez do Império Serrano cobrar melhores condições para o desenvolvimento do país e critica abertamente os vinte anos do regime militar. Em 1987 a Caprichosos de Pilares vai exaltar a democracia e cobrar dos governantes as promessas de campanha. Já em 1990 a Unidos do Cabuçu vai questionar se votou certo para presidente da República. São casos em que o carnaval levou para as ruas de fato a voz do povo, refletiu as agruras e dúvidas da população.

A partir do momento no qual os meios de comunicação pode voltar a trabalhar de forma aberta, sem serem cerceados de seus direitos, existe uma mudança no modo como a informação chega. E isto acaba por mudar também o modo como os temas são abordados no carnaval.

Nos anos 2000, houve certa mudança de vertente e as escolas de samba adotaram outros temas como enredo. Ainda assim há de se destacar os enredos da Grande Rio e da Mocidade em 2004. As agremiações conseguiram ser críticas falando do uso da camisinha e dos acidentes no trânsito, respectivamente. Usaram as doenças sexualmente transmissíveis e as diversas fatalidades nas estradas do Brasil, assuntos amplamente abordados nos programas televisivos, para passar mais uma vez uma mensagem à população.

O que foi visto neste trabalho é como o governo se apropria dos meios de comunicação e como isso invariavelmente interfere nas manifestações públicas. No

final das contas, o ideal era que o governo não tomasse controle ou fizesse qualquer tipo de censura sobre a mídia. Os meios de comunicação, por outro lado, não deveriam privilegiar este ou aquele partido político, dizer que um ideal é melhor que o outro. Deveriam expor as notícias e ideias de ambos os lados e proporcionar o debate. Durante boa parte de nossa história política, a mídia foi um instrumento governista para chegar ao povo. Foi assim na Era Vargas, no governo Dutra, na Ditadura Militar. Seja promovendo os pontos positivos destes governos, seja censurando as opiniões contrárias. É fácil vermos o reflexo disso na população, e no caso deste objeto de estudo, no carnaval. No momento em pôde caminhar sozinho, surgiram letras de protesto, obras vindo diretamente do povo, representando a insatisfação da população. A maior festa popular do país sempre será espaço de diversão, mas por que não também um espaço de conscientização? Se a festa é do povo e para o povo, que seja também a expressão e conscientização do povo para o povo.

6. BIBLIOGRAFIA

FANTINATTI, M; DE MOURA, P. A cobertura dada pela Rede Globo ao movimento Diretas já: o que as atuais gerações sabem a respeito?. Intercom, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1540-1.pdf>>

ALBUQUERQUE, André. Galeria do Samba – As Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br>>. Acesso em: 06 jul. 2013

PENTEADO, Claudia; DORES, K. Patrocínio às escolas de samba gera controvérsia no Carnaval. Propmark, 18 fevereiro 2013. Mercado. Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/mercado/43200:patrocinio-as-escolas-de-samba-levantam-controversia-no-carnaval>>. Acesso em: 26 jun. 2013

BARRETO, Diego. Dez das doze escolas do Grupo Especial desfilarão com enredos patrocinados em 2013. O Globo, 7 dez. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/carnaval-2013/dez-das-doze-escolas-do-grupo-especial-desfilarao-com-enredos-patrocinados-em-2013-6963875>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

BARGAS, Miguel. Recordar é viver: A festa dos 500 anos do Brasil de FHC dá prejuízo de R\$10 milhões ao estado da Bahia. Disponível em: <<http://novobloglimpinhoecheiroso.wordpress.com/2013/04/02/recordar-e-viver-a-festa-dos-500-anos-do-brasil-de-fhc-da-prejuizo-de-r10-milhoes-ao-estado-da-bahia/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

HEMEROTECA DIGITAL. Tribuna Popular. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/tribuna-popular>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

CPDOC FGV. Dossiê A Era Vargas. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

ABREU, Alzira Alves de & BELOCH, Israel. Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária: FGV/CPDOC: FINEP, 1984. v.2.

CABRAL, Sérgio. Escolas de Samba do Rio de Janeiro. 1ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 13ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional: A notícia faz história. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

7. ANEXOS

ANEXO 1: AS ESCOLAS DE SAMBA CAMPEÃS DO CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO

ANO	ESCOLA	ENREDO
1932	Mangueira	Sorrindo
1933	Mangueira	Uma segunda-feira no Bonfim na Ribeira
1934	Mangueira	República da Orgia
	Recreio de Ramos	
1935	Portela	O Samba dominando o mundo
1936	Unidos da Tijuca	Sonhos Delirantes
1937	Vizinha Faladeira	Uma só bandeira
1938	Não houve resultado	
1939	Portela	Teste ao Samba
1940	Mangueira	Prantos, pretos e poetas
1941	Portela	Dez Anos de Glória
1942	Portela	A Vida do Samba
1943	Portela	Carnaval de Guerra
1944	Portela	Brasil Glorioso
1945	Portela	Motivos Patrióticos
1946	Portela	Alvorada do Novo Mundo
1947	Portela	Honra ao Mérito
1948	Império Serrano	Homenagem a Antônio Castro Alves
1949	Império Serrano (FBES)	Exaltação a Tiradentes
	Mangueira (UGESB)	Apoteose aos Mestres
1950	Império Serrano (FBES)	Batalha Naval do Riachuelo
	Mangueira (UCES)	Plano SALTE – Saúde, alimentação, transporte e energia
1951	Império Serrano (FBES)	Sessenta e um anos de República
	Portela (UGESB)	A Volta do Filho Pródigo
1952	Não houve julgamento	
1953	Portela	Seis Datas Magnas
1954	Mangueira	Rio de Janeiro, de ontem e de hoje
1955	Império Serrano	Exaltação a Duque de Caxias
1956	Império Serrano	Caçador de Esmeraldas
1957	Portela	Legados de D. João VI
1958	Portela	Vultos e efemérides
1959	Portela	Brasil, Panteon de Glórias
1960	Portela	Rio, cidade eterna
	Mangueira	Carnaval de todos os tempos
	Salgueiro	Quilombo dos Palmares
	Unidos da Capela	Produtos e Costumes da Nossa Terra
	Império Serrano	Medalhas e Brasões
1961	Mangueira	Reminiscências do Rio Antigo
1962	Portela	Rugendas ou Viagens Pitorescas através do Brasil
1963	Salgueiro	Xica da Silva

1964	Portela	O segundo casamento de D. Pedro II
1965	Salgueiro	História do carnaval carioca - Eneida
1966	Portela	Memórias de um Sargento de Milícias
1967	Mangueira	O mundo encantado de Monteiro Lobato
1968	Mangueira	Samba, festa de um povo
1969	Salgueiro	Bahia de todos os deuses
1970	Portela	Lendas e mistérios da Amazônia
1971	Salgueiro	Festa para um rei negro
1972	Império Serrano	Alô alô, Taí, Carmem Miranda
1973	Mangueira	Lendas do Abaeté
1974	Salgueiro	O Rei da França na ilha da assombração
1975	Salgueiro	O segredo das minas do rei Salomão
1976	Beija-Flor	Sonhar com Rei dá Leão
1977	Beija-Flor	Vovó e o Rei da Saturnália na Corte Egípciana
1978	Beija-Flor	A Criação do Mundo na Tradição Nagô
1979	Mocidade	O Descobrimento do Brasil
1980	Beija-Flor	O Sol da Meia-Noite, uma Viagem ao País das Maravilhas
	Imperatriz Leopoldinense	O quê que a Bahia tem?
	Portela	Hoje tem marmelada
1981	Imperatriz Leopoldinense	O teu cabelo não nega (Só dá Lalá)
1982	Império Serrano	Bumbum Praticumbum Prugurundum
1983	Beija-Flor	A Grande Constelação das Estrelas Negras
1984	Mangueira	Yés, nós temos Braguinha
1985	Mocidade	Ziriguidum 2001, um carnaval nas estrelas
1986	Mangueira	Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira tem
1987	Mangueira	O Reino das Palavras, Carlos Drummond de Andrade
1988	Vila Isabel	Kizomba, Festa da Raça
1989	Imperatriz Leopoldinense	Liberdade, Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós!
1990	Mocidade	Vira, Virou, A Mocidade Chegou
1991	Mocidade	Chuê, Chuá, As águas vão rolar
1992	Estácio de Sá	Paulicéia Desvairada - 70 anos de Modernismo
1993	Salgueiro	Peguei um Ita no Norte
1994	Imperatriz Leopoldinense	Catarina De Médicis Na Corte Dos Tupinambôs e Tabajeres
1995	Imperatriz Leopoldinense	Mais Vale Um Jegue Que Me Carregue Do Que Um Camelo Que

		Me Derrube... Lá No Ceará!
1996	Mocidade	Criador e Criatura
1997	Viradouro	Trevas! Luz! A explosão do Universo!
1998	Mangueira	Chico Buarque da Mangueira
	Beija-Flor	Pará: O mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu-Anu
1999	Imperatriz Leopoldinense	Brasil, Mostra A Sua Cara Em... Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae
2000	Imperatriz Leopoldinense	Quem Descobriu O Brasil, Foi Seu Cabral, No Dia 22 De Abril, Dois Meses Depois Do Carnaval
2001	Imperatriz Leopoldinense	Cana-caiana, Cana Roxa, Cana Fita, Cana Preta, Amarela, Pernambuco... Quero Vê Descê O Suco Na Pancada Do Ganzá!
2002	Mangueira	Brasil com 'Z' é pra Cabra da Peste, Brasil com 'S' é a Nação do Nordeste
2003	Beija-Flor	O povo conta a sua história: "saco vazio não pára em pé". A mão que faz a guerra faz a paz
2004	Beija-Flor	Manôa - Manaus - Amazônia – Terra Santa: Alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz
2005	Beija-Flor	O vento corta as terras dos pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito guarani. Sete Povos na fé e na dor... Sete missões de amor
2006	Vila Isabel	Soy loco por tí, América: A Vila canta a latinidade
2007	Beija-Flor	Áfricas, do berço real à corte brasileira
2008	Beija-Flor	Macapaba - Equinócio Solar. Viagens fantásticas ao meio do mundo
2009	Salgueiro	Tambor
2010	Unidos da Tijuca	É Segredo!
2011	Beija-Flor	Roberto Carlos: A Simplicidade de um Rei
2012	Unidos da Tijuca	O Dia em Que Toda a Realeza Desembarcou na Avenida para Coroar o Rei Luiz do Sertão
2013	Vila Isabel	A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo - Água no feijão que chegou mais um

ANEXO 2: ENREDOS DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO NO CARNAVAL DE 1946

Azul e Branco – “Carnaval da Vitória”

Estação Primeira de Mangueira – “A Nossa História”

Prazer da Serrinha – “Conferência de São Francisco”

Não É o Que Dizem – “Chegada dos Heróis Brasileiros”

Portela – “Alvorada do Novo Mundo”

Império da Tijuca – “Aos Heróis de Monte Castelo”

Unidos da Tijuca – “Anjos da Paz”

Vai Se Quiser – “Pela Vitória das Armas do Brasil”

Fiquei Firme – “Somos da Vitória”

Mocidade Louca de São Cristóvão – “Alvorada de Paz”

Paz e Amor – “Mensageiros do Samba na Assembléia das Reparações”

Depois eu Digo – “A Tomada de Monte Castelo”

Corações Unidos – “As Armas da Vitória”

Unidos do Salgueiro – “Recordando a História”

ANEXO 3: LETRAS DOS SAMBAS DE ENREDO

Unidos de Vila Isabel (1985) – “Parece até que foi ontem”:

Eu vou desaguar neste encanto
 De riso pra decantar
 Deixa eu ser a sua fonte cristalina
 Ser criança neste olhar
 Poema que afaga
 É vento que o arauto soprou
 Eu dei pra ti uma cidade doce
 Há cheiro de doce no ar
 Inhá preta doce de amor
 Entra nessa roda menino vem cirandar
 Eu perdi a conta na ponta do meu polegar
 No baile colorido lá vou eu
 Pra ver Cinderela, mel de amor
 Menina e o vento fez o par
 Vem Narizinho na luz do luar
 No circo encantado, cantar, correr
 Sentir a brisa do amanhecer
 Óh minha Vila
 Contigo de braço rodei
 Cantando no azul do horizonte
 Eu e ela
 Parece até que foi ontem
 Ê balão, balão, balão,
 Balão que leva eu
 Balão me dê luar
 E o céu pra eu brincar...

Portela (1985) – “Recordar é Viver”:

A Portela vem tão bela oi, tão bela
 Colorindo a passarela
 Com pedaços de alegria
 Traz na mente a saudade
 No peito a esperança

Voa águia em sua liberdade
 Traz as alas da lembrança
 Mergulhei, num passado que sonhei
 Que sonhei, sonhei
 Com o meu mundo encantado
 Majestoso e divino
 O meu reino era um cassino
 Com cenário multicolor
 Onde a noite tinha vida
 E a vida mais amor
 Façam o jogo que a roleta vai girar
 Quem brincar com fogo pode se queimar
 Recordar é viver
 O sonho prosseguia
 No teatro de revista
 Com milhares de artistas
 O palco e a magia
 Ô ô ô ô ô
 O circo chegou meu povo
 Revivendo a marmelada
 Na Sapucaí de novo

Acadêmicos do Salgueiro (1985) – “Anos Trinta, Vento Sul – Vargas”:

Soprando forte do Sul
 Um ciclone feiticeiro
 Venta pelos anos trinta
 E traz Vargas, o mago justiceiro
 Veio cumprir nobre missão
 E mudar o destino da nossa nação
 No palácio...
 No palácio das Águias foi o senhor
 Levantando o povo, trabalhador
 Do solo fez jorrar o negro ouro
 E a usina do aço, transformou em tesouro
 Ô, ô, ô, ô Getúlio Vargas
 O guerreiro vencedor

Apagou a chama da rebeldia
E afirmou a nossa soberania
Deu vida à justiça social
Criou leis trabalhistas
E a tranqüilidade nacional
Com punho forte e decisão
Esmagou a trama da traição
Mandou nossos heróis além mar
Para as forças do mal derrotar
Na fantasia do folclore do nosso povo
Festejava as vitórias no Estado Novo
Pensando no progresso da nação
Fez a moeda subir de cotação
Sucumbiu após a sanha traiçoeira
E da carta derradeira
O povo fez sua bandeira
Rufam os tambores do Salgueiro
Exaltando Vargas
O grande estadista brasileiro

Unidos de Vila Isabel (2006) – “Soy Loco Por Ti América: A Vila Canta Latinidade”:

Sangue caliente" corre na veia
É noite no Império do Sol
A Vila Isabel semeia
Sua poesia em "portunhol"
E vai... buscar num vôo à imensidão
"Dourados" frutos da ambição
Tropical por natureza
Fez brotar a miscigenação
"Soy loco por tí, América"
Louco por teus sabores
Fatura que impera, mestiça mãe terra
Da integração das cores
Nas densas "Florestas de cultura"
Do sombrero ao chimarrão
Sendo firme, "sin perder la ternura"

E o amor por este chão
 Em límpidas águas, a clareza
 Liberdade a construir
 Apagando fronteiras, desenhando
 Igualdade por aqui
 Arriba, Vila !!!
 Forte e unida
 Feito o sonho do libertador
 A essência latina é a luz de Bolívar
 Que brilha num mosaico multicolor
 Para bailar "La Bamba", cair no samba
 Latino-americano som
 No compasso da Felicidade
 "Irá pulsar mí corazón"

Beija-Flor de Nilópolis (2004) – “Manõa, Manaus, Amazônia, Terra Santa: alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz”:

A ambição cruzou o mar
 Trazida pelo invasor
 A Espanha veio explorar
 Pilhar e semear a dor
 Amazonas, Terra Santa
 Dos igarapés, mananciais
 Alimenta o corpo, equilibra a alma
 Transmite a paz
 Brilhou o Eldorado no coração da mata as guerreiras
 Belezas naturais, riquezas minerais
 O reino de Tupã ergue a bandeira
 Êh! Manõa
 Minha canoa vai cruzar o Rio Mar
 Verde paraíso é onde Iara me seduz com seu cantar
 Doce sabor da magia
 Fruto da energia o meu guaraná
 A lágrima que o trovão derramou
 A terra guardou semente no olhar
 Maués, Anauê cultura milenar

Anauê, Manaus, Mamirauá viva a Paris tropical
 Água que lava minh'alma
 Ao matar a sede da população
 Caboclo é a homenagem hoje é
 A todo povo da floresta um canto de fé
 Se Deus me deu vou preservar
 Meus filhos vão se orgulhar
 O Amazonas é Brasil, é luz do criador
 Avante com a tribo Beija-Flor

Beija-Flor de Nilópolis (2008) – “Macapaba: equinócio solar, viagens fantásticas ao meio do mundo”:

O meu valor me faz brilhar
 Iluminar o meu estado de amor
 Comunidade impõe respeito
 Bate no peito eu sou Beija-Flor
 É manhã, brilho de fogo sob o sol do novo dia
 Meu talismã, a minha fonte de energia
 Oh deusa do meu samba, a flor de Macapá
 No manto azul da fantasia
 Me faz mais forte, extremo norte
 A luz solar ilumina meu interior
 Vou viajar na linha do Equador
 Emana ao meio do mundo a beleza
 A força da mãe natureza é Macapaba
 O rio beijando o mar
 Encontro das águas marejando o meu olhar
 Quem foi meu Deus que fez do barro poema
 Quem fez meu criador se orgulhar
 Os Cunanis, Alistés, Maracás
 Foram dez, foram mais pelo Amapá
 Um dia navegando em rios de Tupan
 A viagem fantasia dos filhos de Canaã
 A mágica da terra a cobiça atraiu
 Ibéria se enleva no Brasil
 A mão de Ianejar na fortaleza pela proteção da vida

Em São José de Macapá
Brilha Mairi a minha estrela preferida
Herança moura em Mazagão
Retiro o meu chapéu de bamba e assim
O Marabaixo ao marco zero cai no samba
Soam tambores no tocar do tamborim

Acadêmicos do Grande Rio (2008) – “Do verde de Coarí, vem meu gás, Sapucaí!”

Água berço da vida
Terra mãe-natureza
Depois da explosão
Que dizimou os animais
Origem do petróleo e do gás
Surgiu na Pérsia, bem usado no Japão
"Fogo eterno" adoração
Desprezado na Europa, Nova Iorque iluminou
No Brasil, medo e deslumbramento
O gás é natural, é nosso dia-dia
É energia, desenvolvimento
Com todo gás vou te dar amor
Com muito amor vem me dar paixão
É tão brilhante essa chama que clareia
Incendeia o meu coração
(Diz a lenda)
Lindo!!!
Como se fosse a primavera
O guardião da vida "pai-mãe-terra"
No ritual Araueté
Repousa no lago senhor, exala o perfume da flor
Na aldeia a paz do luar
Pássaros cantando, borboletas pelo ar
Então vamos cuidar, pra não se acabar
Em Urucu o amanhã é um novo dia
Onde o Brasil vai estudar!
Se formar e ensinar
Ecologia!!

Grande Rio vem cantar!!
 Minha escola é o gás da Sapucaí
 Se a lição é preservar
 Meu grito é verde, Amazonas Coari

Acadêmicos do Grande Rio (2010) – “Das arquibancadas ao Camarote nº 1, um
 "Grande Rio" de emoção, na Apoteose do seu coração”:

Amor, é hora... não demora!
 A minha alegria vai contagiar
 Ô yáíá é o samba quem manda na minha cidade
 No meu coração de folião
 Tem o esplendor de um barracão
 Onde um sonho vira realidade
 Num simples toque das mãos
 Depois com muito amor e magia
 Minha fantasia pra lá de suada
 Lágrimas sorrisos fazem parte desse visual
 De um paraíso de beleza sem igual
 Meu coração vai a mil
 Quando a sirene tocar
 A Passarela tremer, o homem pode voar
 De ratos e urubus veio a transformação
 Quero mais que nota trinta, pro talento do João
 No Ita salgueirando lá vou eu
 Ouvindo a sereia a cantar
 Festa da raça, kizomba, liberdade no ar
 Daqui pra lá de lá pra cá de Braguinha
 Fez o mundo inteiro delirar
 No templo dos bambas
 Guerreiros do samba a arte se consolidou
 Saudade da linda voz que se calou... eu sou cantor... eu sou cantor...
 No seu protesto nunca fui um puxador
 Será que no terceiro milênio haverá
 Festa cigana na Avenida
 O amanhã como será... DNA princípio da vida
 E Um Sambista com sorriso divinal

Na apoteose do planeta carnaval!!!
Grande Rio eu sou Guerreiro
Sou Brasileiro e faço o Meu Ziriguidum
Vibra arquibancada explode
O Camarote nº 1

Unidos do Porto da Pedra (2012) – “Da seiva materna ao equilíbrio da vida”:

Poema à vida e ao seio jorrando amor
A seiva materna,
Meu porto da pedra alimentou
Hera gera o caminho das estrelas
Mãe loba amamentou o grande império
Mistério no deserto da solidão
O mercador viu a transformação
Do leite em primeira iguaria
A fé se envolveu e foi saborear
Na história, a humanidade vive a cultuar
A dádiva que fez o animal sagrado
Fermentou fartura e saber
Fonte rica de prazer
No calor dessa receita, deixa provar
A combinação perfeita ao paladar
A essência é derivada da mistura dos sabores
É no mel que se adoça a magia dessas cores
Seguiu o alimento vencendo batalhas
Esse doce sabor pelo mundo
Com o tempo rompendo muralhas
Brilhou à luz da civilização
Pelos mares navegou
Embalando a evolução
Leveza, o equilíbrio se traduz em beleza
Do dia a dia me refaz
Iogurte é leite, tem saúde e muito mais
Vem no ritmo do Tigre de São Gonçalo
Alimenta seu povo apaixonado

Cada porção traz um cuidado especial
Para o deleite e a emoção no carnaval

ANEXO 4: PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 5, DE 1983***Dispõe sobre a eleição direta para Presidente e Vice-Presidente da República.***

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, no uso das atribuições que lhes confere o art. 49 da Constituição, promulgam a seguinte Emenda ao Texto Constitucional:

Art. 1º - Os arts. 74 e 148 da Constituição Federal, revogados seus respectivos parágrafos, passarão a vigor com a seguinte redação:

- "Art. 74 - O Presidente e Vice-Presidente da República serão eleitos, simultaneamente, entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto, por um período de cinco anos.
- Parágrafo Único - A eleição do Presidente e Vice-Presidente da República realizar-se-á no dia 15 de Novembro do ano que anteceder ao término do mandato presidencial."
- "Art. 148 - O sufrágio é universal e o voto é direto e secreto; os partidos políticos terão representação proporcional, total ou parcial, na forma que a lei estabelecer."

Art. 2º - Ficam revogados o art. 75 e respectivos parágrafos, bem como o § 1º do art. 77 da Constituição Federal, passando seu § 2º a constituir-se parágrafo único.

Justificação

Apresentamos esta Emenda com o intuito de restabelecer a eleição direta do Presidente e Vice-Presidente da República.

O que se colima é restaurar a tradição da eleição direta, através do voto popular, tradição esta fundamentalmente arraigada não só no Direito Constitucional brasileiro como também nas aspirações de nosso povo.

Desde a primeira Constituição republicana, a eleição direta do primeiro mandatário da Nação foi um postulado que se integrou na vida apolítica do País. E os maiores Presidentes que o Brasil já teve vieram, todos eles, ungidos pelo consenso popular.

Não só a tradição constitucional, ou as aspirações populares militam em favor do restabelecimento do direito do povo de escolher o primeiro magistrado.

A legitimidade do mandato surge límpida, incontestada, se sua autoridade for delegação expressa da maioria do eleitorado.

Assim, o Presidente passa a exercer um poder que o povo livre e expressamente lhe conferiu. Este passa a ser o mais alto representante desse mesmo povo, que não somente o escolheu, mas apoiou suas idéias, seu programa, suas metas.

Difere do que ocorre com outros candidatos, escolhidos em círculos fechados e inacessíveis à influência popular e às aspirações nacionais. Um presidente eleito pelo voto direto está vinculado ao povo e com ele compromissado. As eleições diretas para Presidente da República pressupõe um novo pacto social. Serão as forças vivas da Nação, do assalariado ao empresariado, que irão formar a nova base social do poder. Um presidente eleito por um colégio eleitoral, não tem compromisso com o povo. Mas está diretamente vinculado àquelas forças que o apoiaram, no círculo diminuto e fechado que o escolheu.

Para completar o disposto no art. 74 e a revogação do art. 75 e seus parágrafos, bem como a do § 1º do art. 77, a proposta exclui do caput do art. 148 da Constituição Federal a ressalva constante das palavras "salvo nos casos previstos nesta Constituição", bem como, seu parágrafo único, a fim de que fique expresso que o sufrágio é universal e o voto direto e secreto em todas as eleições.

Ao submetermos esta Proposta ao exame do Congresso Nacional, estamos certos de que seremos porta-vozes do anseio da Nação, da imensa maioria do nosso povo, que, há muito, acalenta esta aspiração, mais forte agora, após ter ressuscitado politicamente, com a última eleição direta para governador.

A presente Proposta de Emenda à Constituição deve ser vista, também, como a única solução à crise econômica, política e social porque passa o País.

A nós basta um mínimo de patriotismo, de honestidade e de sentimento humano, para entendermos que é hora de mudar.

DEPUTADOS: *Dante de Oliveira (mais 177)*

SENADORES: *Humberto Lucena (mais 23)*